

ILUSTRAÇÃO



A SENHORA GEORGINA

(QUADRO DE CARLOS REIS)

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**À RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LEGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
48—2.ª parte—*Cabo Matijoux*. 1 vol.
49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HELICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
74—2.ª parte—*O coronel de Kernor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand

S. A. R. L.

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 100—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada).	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias	—	63\$00	126\$00
(Registada).	—	67\$50	135\$00
Brasil.	—	66\$00	132\$00
(Registada).	—	75\$00	150\$00
Outros países.	—	75\$00	150\$00
(Registada).	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

CONSELHOS ÚTEIS

COBREAGEM DO VIDRO

Faz-se dissolver uma porção de guta-percha em essencia de terebentina, ou benzina, aplicando uma camada desta solução sobre o vidro, nos logares que se querem cobrir, deixa-se secar, fricciona-se, em seguida, com plumbagina e leva-se ao banho galvanico. A solução de guta-percha dá-se com um pincel.

DICIONÁRIO DO

Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do **Dr. Salazar Carreira**



Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cerca de 100 págs. 7\$00

PEDIDOS A
S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —



ROCIO-LISBOA-CHIADO

O melhor café é o
d'A BRAZILEIRA

Vendas para toda a parte

Vendas aos quilos } RUA 1.º DE DEZEMBRO, 78
RUA GARRETT, 120

Pedidos ao escritório:
LARGO DE S. DOMINGOS, N.º 11 — Telefone: 2 5066

Grande sucesso literário

2.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 14\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Neuralgias



As dores neuralgicas com o tempo não ha organismo que resista, por mais forte que seja. Insidiosas a principio, se o paciente se descuida tem depois que contar . . . Mas a moderna sciencia oferece-nos uma excelente defeza: dois comprimidos de Cafiaspirina e a dôr desaparece, regressa o bem-estar com a mesma rapidez.



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

ULTIMOS EXEMPLARES

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 441 gravuras, cartonado 10\$00
 Encadernado luxuosamente 18\$00

34.º — ANO — 1933

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

**Pedidos á LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

Novidade literária

JULIO DANTAS

ALTA RODA

2.ª EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campainha de alarme — Paz amarela — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc. 15\$00
 broch. 10\$00

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80
 LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 págs., encadernado
30\$00

PEDIDOS A
LIVRARIA BERTRAND
 73, RUA GARRETT, 75
 LISBOA

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTÍSSIMO LIVRO DO POPULAR

AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época presente, em que a febre de enriquecer se faz sentir mais do que nunca

1 vol. de 264 pags., br. **8\$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

EM QUALQUER LAR

onde se não tenha apagado o bom gosto, ou onde se não deite à rua o dinheiro em beberagens ordinarias, ha sempre um bom chá «HORNIMAN».

Nenhum como ele possui tão penetrante aroma e tão delicado paladar.

O chá «HORNIMAN» é um conjunto de chás de varias procedencias, de qualidade «extra», que o tornaram celebre em todo o Mundo, e é de todos o que mais se vende em Portugal.

O chá «HORNIMAN» conquista rapidamente o paladar da pessoa mais exigente A sua fragancia suprema, delicia

O chá «HORNIMAN» é tambem o mais economico, porque, com menos quantidade de que qualquer outro, fará um bule de infusão deliciosa.



Adicionando-lhe algumas gotas de leite na chavena, torna-lo-á inexcédido

CHÁ HORNIMAN



Sómente em pacotes
de 14—50—125 e 250 gramas.



Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estojo com 7 amostras 14\$00, pelo correio 15\$00* — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente à Academia Scientifica de Beleza — Av. da Liberdade, 35 — LISBOA

ATWATER KENT RADIO

Primeiro

Entre os Primeiros

Os novos modelos 1933 são uma maravilha!

Para corrente alterna, continua, para baterias e para automovel.

Antes de comprar, oiça um *ATWATER KENT* e verá os momentos de bem-estar que ele lhe proporciona. Grande selectividade. Grande pureza de som!

OS MAIS ECONOMICOS DENTRO DA SUA CLASSE

Peça uma demonstração ou detalhes a:

NACIONAL RADIO, L.^{DA}

Rua da Betesga, 57. 1.^o — Tel. 2.6251

Distribuidor geral:
ATWATER KE T RADIO
VILA NOVA DE GAIA

Distribuidor no Norte:
ELECTRONIA, L.^{DA}
P. da Batalha 119—PORTO

Peugeot

301

Peugeot

201

OS AGENTES
GARRIDO & F.LHO, L.^{da}
Av. da Liberdade, 165-171
LISBOA

Crónica da Quinzena

A Maria do Sol que tapou com um tiro de espingarda a bôca imunda, empenhada em difamá-la, foi condenada pelo tribunal. Os juízes, porque assim entendem o seu dever de sentençaes, viram a lei, não viram mais nada. E essa manda castigar quem mata por querer. A Maria do Sol, matou de caso pensado, muito bem pensado por sinal, aquele que p retendia matar-lhe mais que o corpo, vinha a ser a sua dignidade de mulher.

Um campeão de façanhas amorosas, mentiroso, gabarola usou para conquistá-la, o ártil de confessar triunfos não conseguidos. Perdida no conceito geral e no do próprio marido, repudiada por todos como gafa, êle que bem a sabia inextinguível, a haveria de barato depois de rendida. A tática velha, bem conhecida, e pela experiência afiançada como segura, desta vez falhou, porque a Maria do Sol, cheia de graça fagueira, de feição clara, não caiu em deliquio, esmagada pelo fado, arrastada pelo destino, até onde quisesse levá-la o bruto que lhe armara a cilada.

Cuidou de aplacar as iras do seu Ricardo, recosido de dúvidas, avisado, prevenido do que corria. Quiz com palavras, gestos, lágrimas mostrar o fundo do coração. Esbarrou contra navalhas abertas. Juras de mulher ninguém as crê. De fiar são apenas as mentiras dos sedutores acreditados como irresistíveis. Depois de muito lutar, perdida a esperança de convencer o companheiro da vida, e querido do coração, mediante falas e rogos, decidiu convencê-lo por um acto grave, dos que não permitem sombra de dúvida. Pegou na arma, foi ao encontro do que se gabava de ser amado, preferido, e despejou sôbre êle a carga. Abateu-o sem hesitar e voltou a casa referir ao seu único e verdadeiro homem a prova decisiva que acabava de dar-lhe de afecto exclusivo, mais a contraprova de aversão extrema pelo difamador.

Que outro meio se oferecia de paten-tear a sua inocência, de defender a sua dignidade, a segurança do lar, da vida, do melhor, de tudo que possuía?

O pretório raciocina de modo diferente. Deixá-lo raciocinar. Pode ser até que os pretores, como homens dotados de sensibilidade e inteligência pensem de

modo humano, afinando com os que estão cá fóra olhando as realidades.

A lei diz, porque não pode deixar de dizê-lo, que a vida humana é intangível. Sim, entendendo por isso a das pessoas humanas não a de bestiagas, no género da que pretendia levar a Maria do Sol à perdição.

Se o difamador fosse conduzido à presença do mesmo tribunal, a responder pelo crime que aniquilaria uma família, causando mal pior que a morte, o castigo seria bem mais leve do que o aplicado à sua vítima.

Isto vem apenas para mostrar as imperfeições da lei a que os juízes não querem fugir. Serve também para solicitar a intervenção de altos poderes, capazes de corrigir uma aspereza que magôa a consciência pública.

Esta mulher merece ser perdoada sem demora, antes que a paixão se apodere do seu caso e a transforme em mártir, ou santa.

Chegou enfim a chanceler do Reich. Não foi como pretendia, mercê de conquista, marchando sôbre Berlim. O poder foi-lhe concedido. Não o arrancou daquela maneira briosa, violenta, usada por outros.

Faz a sua diferença o processo Hitler do empregado por Mussolini. A autoridade, ou prestígio do alemão e do italiano, no momento de tomarem posse do governo, não oferecem qualquer confronto. Divergem nesse pormenor importante e talvez dirijam em muito mais.

Se apenas o método de acesso os distinguisse, não haveria motivo para duvidar da obra iniciada em Berlim.

O pior está em o Nasi ser da espécie tribunícia, bem falante das assembléas, hesitante quando actua, fraco de imaginação quando concebe.

O chefe do Fásccio deu provas de ser acima de tudo homem imaginoso a inventar, pronto a executar, servindo-lhe a eloquência para impôr a acção que desenvolve.

Mussolini foi romancista, poeta, jornalista, soldado antes de ser ditador. Hitler foi pouco mais do que tribuno. Para chefe de um governo burguez, à século XIX, subordinado à confiança das Câmaras, talvez

bastasse; para ditador é pouco. Êste pôsto obriga a muito mais. Sem génio, sem abundante vigor moral e físico não se pode desempenhar aquele difícil cargo.

Ora os antecedentes do homem não garantem que possua a constituição rara, quasi comparável a força da natureza, exigida pelos povos que chegam ao transe de pedir o salvador.

Aguardemos as obras para decidir se apareceu mais uma raridade ou mais uma fatuidade para acrescentar a tantas já registadas na última década.

Promete, o que desponta, acabar com o comunismo nos estados germânicos. Contando-se em mais de uma duzia de milhões os dados a essa fé, naquelas paragens, a tarefa não se apresenta mediocre. Veremos se não exagera nesse primeiro número do programa que parece esforço dema-iado para o talento de quem se propõe executá-lo.

Pode ser que os indícios enganem e ali esteja um homem para ficar como padrão na história.

Por enquanto nada se pode afiançar.

A S. D. N. com aquela autoridade que todo o mundo conhece, falou sisuda ao Japão e ao Mandchu.

Um e outro sorriram e continuaram na sua, que consiste em meter a China na ordem, quer dizer, dentro do bernal.

Entende-e que, talhada a talhada, como quem consome um queijo, assim o antigo Império Celeste será manucado.

À Rússia e à U. S. A., mirando tal apetite, cresce água na bôca, começando uma e outra a mobilisar os dentes com que pretendem trincar o seu bocado.

Façamos votos porque na próxima quinzena não haja novidade maior a relatar, vinda daqueles climas.

Mário de Artagão publicou um livro de versos, «Rimas Pagãs» onde se leem autênticos versos. Rítmicos antigos, como os usados nos seus tempos de moço, continuam sendo belos como então se achavam.

É útil de vez em quando aparecer um idoso tangedor de lira mostrando como se tocava bem há vinte anos.

Samuel Maia.

Páginas Galegas

Ao grande poeta galego D. Ramon
Cabanillas.

I

GALIZA

*Deus te abençoë, Galiça,
Velha irmã de Portugal!
Que por toda a eternidade
Os teus prados sejam verdes,
Risonho o teu arvoredo,
Valorosa a tua raça,
E que do ventre fecundo
Das tuas loiras mulheres
Que já Murillo pintou,
Renasçam perpétuamente,
Ó doce Hélade doirada,
Ó paraíso sem par,
Herois para defender-te
E poetas p'ra te cantar!
Que o Deus das pátrias, Galiça,
Nas suas mãos te mantenha,
Fina esmeralda de Espanha,
Velha irmã de Portugal!*

La Toja, agosto, 1925.

II

A RAINHA ROMEIRA

*Vem romeira a Santiago
Dona Isabel de Aragão,
Rainha de Portugal.*

*Em vez da fina escarlata
Das suas vestes reais,
Traç um hábito de freira,
Um bordão de peregrina,
Os olhos cheios de lágrimas,
E vai, curvada e humilde,
Pedindo esmola na estrada.*

*Corre o povo dos lugares
A vêr passar a rainha:
Não traç andas de brocado;*

*Não traç carroça real;
Arrasta-se no caminho
Como uma pobre mendiga,
Mas — ó milagre! milagre! —
A cada passo que dá,
Sob os seus pés nascem rosas,
E todo o chão que ela pisa,
Chão sagrado da Galiça,
É um divino rosal.
Ninguém a dirá rainha:
Não traç coroa nem manto,
E as suas telas de prata
Ficaram em Portugal...
Nunca romeira mais triste
Nem pobre mais pobresinha
Viú terras de Santiago.
E entretanto — ó maravilha,
Ó maravilha de graça! —
Como se ela própria fosse
Uma lâmpada divina,
Parece que se ilumina
Todo o ar onde ela passa.*

*Vem amparada ao bordão
E quási só pela estrada...
Lirio de ouro de Aragão,
Princesa de Portugal,
Onde estão os teus arautos,
O teu séquito real?
Só êsse frade velhinho?
Só essas damas de negro?
Ah, não! Prodigio do céu!
Vai com ela, a acompanhá-la,
Uma revoada de pombas,
De pombas brancas de neve,
E tantas, tantas e tantas,
Que toda a rua é um pombal!
Eis que a rainha romeira
Chega enfim a Santiago.
Vem recebê-la o Arcebispo
E todo o clero maior
Á porta da catedral.
Debaixo do pátio aberto
Refulgem mitras e báculos,
Cruzes e pontificais...*

Tanto povo, de tropel,
Corre p'ra beijar-lhe o hábito,
Mulheres, velhos, crianças,
Que as casas todas se fecham,
P'ra o trabalho dos campos,
E até os próprios sineiros
Das torres da catedral
Largam as cordas dos sinos
E veem vê-la passar...
Mas, ó milagre de Deus!
Quando a rainha aparece,
Fazem-se os anjos sineiros
E no alto das veias torres
Os sinos põem-se a tocar...

Doces lendas doutra idade!
Como é grato recordar-vos,
Lembrar, passados seis séculos,
O perfil doirado e vago,
Repassado de tristeza,
Da rainha portuguesa
Que foi romeira a Santiago!

Santiago de Compostela,
agosto de 1931.

III

OS GAITEIROS GALEGOS

Para a Senhora del Carmen,
Chegou a gaita galega,
Com os seus foles inchados
E o seu farrapo vermelho...
É a alma duma pátria
Que vem cantando com ela.

A velha gaita galega
Arfa, soluça, palpita...
Cada queixa que ela geme,
Cada ai que ela suspira,
É uma saudade da terra,
Um verso de Rosália...

Parece que a sua voz,
Voz de ternura e de bênção,
Nos fala dos campos verdes,
Das rias cheias de sol,
Do triste vento mareiro
Que Cabanillas cantou...

A velha gaita galega!
Dum lado o bombo cançado,
Do outro o tambor alegre,
Batem os dois, palpitando...
No meio deles, toucada

Do seu farrapo vermelho,
Parece uma namorada
Entre um coração de velho
E um coração de criança...

Não sei se canta ou se chora,
Não sei se geme ou se reza...
Sei que as notas da muiñeira,
Numa toada graciosa,
São como folhas de rosa
Caindo duma roseira...

Mas porque é que se marejam
Os meus olhos só de ouvir-te,
Ó velha gaita galega?
Donde vem o sentimento
Que tu despertas em mim?
É que me falas também
Duma outra pátria que é minha,
Terra coberta de igrejas,
Alegre de romarias,
Florida de laranjais,
Terra verde, das mais belas
Que o sol de Deus viu ainda
E que eu nos meus dias vi...
Porque és também portuguesa,
Ó velha gaita galega,
É que me orgulho de ti!

Mondaris, julho, 1925.

JULIO DANTAS

Mário de Artagão



NOME já conhecido no meio poético — Mário de Artagão voltou a dedicar-se às musas. Publicou mais um volume de versos: «Rimas pagãs», duma grande inspiração, as suas poesias lêem-se com agrado. São dum verdadeiro poeta os «Diálogos côr de rosa». Versos simples, mas de rimas opulentas e ricas. A técnica é excelente. «Rimas pagãs» merece leitura pois é um livro dum poeta, dum poeta cheio de talento.

Madame La Caze de Noronha



MADAME La Caze de Noronha, portuguesa por nascimento, dedicou-se, desde há muito ao automobilismo, desporto onde tem conquistado numerosos triunfos, tanto em França, onde reside habitualmente, como em Portugal. Ultimamente efectuou a «Grande Prova de Resistencia», em volta de Portugal, tendo tomado parte em três anos seguidos no «Rallye» de Monte-Carlo. Madame La Caze de Noronha é a nossa correspondente em Paris.

Os irmãos Quintero



SERAFIN e Joaquín Alvarez Quintero — dois nomes na dramaturgia espanhola — tiveram esta época teatral duas peças representadas em Portugal: «Dona Hormiga» e «Lo que hablan las mujeres». Qualquer delas obteve êxito, uma no Nacional e outra no Trindade. São duas obras absolutamente humanas, sentimentais e cheias de ternura.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Luis Teixeira e o seu livro «Reportagem»

LUIS TEIXEIRA é um novo. Forma na primeira fila dos escritores dos últimos dez anos. Encontrou no seu caminho os arrojos da forma e os modernistas da ideia. Era-lhe naturalmente, difícil escolher o caminho que havia de trilhar. A literatura tem escolhos, a locução presta-se a malabarismos, a imagem suscita habilidades, daí as inventivas, a rareza, o «novo».

Ao literato que principia, ao principiante que se inicia na carreira das letras, antolha-se vacilante o caminho, apresenta-se-lhe instável, movediço o terreno que pisa.

Dados os últimos haustos do romanticismo, esgotado o estro poético que caracterizou e definiu, durante o século XIX, tantos temperamentos e assinala-se bastantes tendências, a «Ordem moderna», erguera-se, galgara o terreno que leva ao ineditismo imaginativo e as gerações que apareciam embarçavam-se na «maneira» a adotar. Luis Teixeira entrou na cultura das letras quando essa indecisão se marcava. Trazia uma aurora de beleza nos olhos e a luz de vinte anos no coração. Era a aza que ensaiava o voo. Mas o joven não se amedrontava diante do enigma literário, porque enigma me a perspectiva mental que se lhe oferecia. Artigos dos jornais começaram a indicar o temperamento do «iniciado» e via-se, logo, sem ademanos, que o homem não cedia a imposição de escolas, a dogmatismos de doutrinas. Enamorava-o, principalmente, a arte, mas a arte lídima, inconfundível, o expressionismo da perfeição, o esteticismo do sentido plástico.

O literato podia harmonisar a sua feição mental, podia dar-lhe harmonia, porque uma faceta o tocava de encanto, a pictural. O que o literato sentia fraquejar-lhe na linha estilística da linguagem, equilibrava-se pela melodia do pincel. E a individualidade artística podia seguir rumo.



O escritor de acôrdo com o pintor segredava, imprimia directrizes à sua produção. Não tardou que o literato criasse personalismo. «A Feira de Amostras» revelou o homem, através dos seus impressionismos e o artista através do fundo humano. Passou o tempo e, com ele, passaram veleidades, ilusões, incertezas.

Vem então à estampa o novo livro de Luis

Teixeira: «Reportagem».

São crónicas, nótulas, «crôquis» literários o que este volume encerra. O autor vê, conforme a sua sensibilidade e transmite-nos o que viu e sentiu, intacto, vinculado nos seus versos e no seu pensamento. Não se pode dizer mais, como sintese, nem melhor como carácter do que ele nos diz nas cidades da Madeira e dos Açores. Ha côr local, ha vibração, ha verdade e ha sincera observação. Terras e paisagem, os habitantes, a toada de croanismo dos lindos horisontes e o dorso musical do reflujo dos navios.

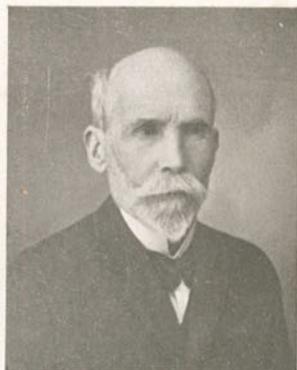
Em Lisboa, Luis Teixeira fala-nos de Alfama e da Ribeira-Nova como se andasse a moirer por essas paragens. Sem preterir o traço antigo, sem deixar de evocar a anciedade, sacode-nos pelo contacto da civilização que na gente do burgo afogou reminiscências passadas, seculares. Quando vem ao «brouhaha» da cidade, fôca com isonismo sadio os coquetismos das seitas priviligiadas que enchameiam nos logares de prazer e mundanismo e brinca com as frivolidades e a fraternidade de certos meios. «Reportagem», ilustra-se de comentários desenhativos, muito do autor, e isso margina de pitoresco o descritivo e encanta-o de mais colorismo. Bom livro, assecível, convincente; claro e verdadeiro «Reportagem» de Luis Teixeira foi dado à publicidade neste ano de 1933 sem necessidade de Mesas Censórias. *Laus deo.*

Nogueira de Brito.



UM aspecto do «Capitôlio» na «Tarde Brasileira», organizada com grande êxito pelo correspondente em Lisboa do jornal «A Noite» do Rio de Janeiro, nosso presado camarada Gastão de Betencourt e que constitue uma das formas práticas com que aquele importante diário carioca pretende corporisar o inter-câmbio luso-brasilceiro.

Gomes Teixeira



MORREU no Pôrto o sábio Gomes Teixeira, uma das figuras mais lidimas da ciência portuguesa. O seu corpo repousa já na igreja da freguesia de S. Cosmado, no concelho de Armamar. Era um matemático insigne, humanista de prestígio e literato de mérito. Conseguiu impôr-se como um Mestre, honrando entre nós e no estrangeiro, no conceito dos povos civilizados e nos meios científicos do todo o mundo, o nome de Portugal.

Ere um católico sincero e praticante. Duma diamantina inteireza de carácter e duma bondade inextinguível, era justamente considerado com uma figura exemplar de santo e de sábio. Era um enamorado da vida de S. Francisco de Assis. Tanto assim que no mansoleu onde hoje está o seu cadaver havia mandado esculpir as effigies de S. Francisco de Assis e de Santo Antonio de Padua. Era director do Instituto da História dos Matematicos. Legou ainda em vida, a sua valiosissima collecção de livros de ciências mathematicas á Universidade de Coimbra. O seu funeral na capital do norte constituiu uma grande manifestação de pesar.

Gomes Monteiro



No livro «As mulheres que amaram Jesus», Gomes Monteiro revela-se um poeta de poderosas faculdades. Jornalista de mérito, escritor de valor, a quem já se fica devendo uma obra «A freira que morreu de amor», Gomes Monteiro lançou agora no mercado êsse volume de versos onde se canta, em formosissimas poesias «por cujas páginas desliza o cortejo das piedosas mulheres que mais amaram o terno Rabbi Galileu».

A TRAVESSIA DO ATLANTICO

O vôo formidável do "Arco-Iris"



O «Arco-Iris», tripulado pelo aviador Mermoz, fez a viagem Senegal-Natal em 14 horas. Depois seguiu para o Rio de Janeiro, onde aterrou, sob um temporal defeito, no «Campo dos Afonsos». Chovia copiosamente, os trovões faziam-se ouvir. O aparelho enterrou-se no lamaçal. Foram necessários tractores para o safar. No hangar, onde recolheu, horas depois foi oferecido à tripulação, composta de seis homens, uma taça de champagne. Assistiu o embaixador da França e todo o alto pessoal aeronáutico brasileiro. No dia seguinte, o «Arco-Iris» levantou vôo para Buenos Aires. É intenção de Mermoz — um az da aviação francesa — regressar à Europa pelo ar. O vôo formidável do «Arco-Iris» marcou nos anais da aviação pela sua «performance».





Uma das bailarinas que esteve em Lisboa

Bissau.—(Guiné) 2 de Janeiro.—Acabamos de entrevistar o príncipe desta província, que se dignou figurar com o seu séquito, na Exposição Industrial de Lisboa. Já a uns meses de vista, achámos interessante saber quais as impressões que Sua Alteza trouxe da capital da metropole, depois de convenientemente amadurecidas pelo tempo.

Assim, aproveitando a nossa estada na nossa cidade, propuzemos-nos visitar os seus domínios, após a sua amável acquiescência e o pedido que, em nome da *Ilustração* lhe endereçámos.

O duradouro calor equatorial, mais acentua a sua canícula durante os meses em que se regêla na Europa. O sol abraza os horisontes, exala-se da terra um bafo entorpecente, asfixiante.

Mas o automovel leva-nos por



O régulo Sambesufu

uma estrada interminável, através as mais admiráveis regiões da província, tão cheia da luxuriante flora tropical. Da elevada e profunda v. getação vem um halito de frescor odorante. As primeiras palhotas do principado começam a aparecer aqui e além, como novos motivos do magnífico cenário vegetal em que a selva se encanta. Finalmente, eis essas típicas habitações africanas surgindo em profusão, distribuídas em caprichosos arruamentos, formando com os seus cones de cômo uma outra selva estranha. É a cidade, capital do principado negro.

Metemos por ela, percorremo-la em plena lide diária dos seus naturais, até que o carro se detém junto da palhota principêsca, que destaca o seu vulto sobre as cabanas familiares que a rodeiam. Uma sentinela vigilante está de guarda, firme, plantada á europeia. Um cortesão negro, de veste talar e turbante brancos, presta-nos as primeiras honras da recepção e introduz-nos protocolarmente junto de Sua Alteza. Assisto a uma breve cerimonia de atitudes do nosso introdutor perante o seu soberano. E eis-me em frente do príncipe, que me recebe com o seu sorriso tão africano, entre a sua côrte de sobas e vassallos, flagrantemente na sua imponencia de raça, os rostos bem marcados, alguns com barbilha á passa-piolho e todos vestindo e toucando-se de branco como Sua Alteza. Assistem-lhe ainda, ou melhor á sua mocidade extremamente simpática, lindas africanas, jovens, com um chapelinho que dir-se-ia parisiense, e os seus semi-trajos, que melhor lhe realçam o modelo gracioso de bronzes viventes, animados como os seus sorrisos.

Mas escusamos de descrever a côrte deste príncipe. Como a sua autentica beleza máscula, admiraram-lhe o séquito de forasteiros que visitaram a Exposição, e focou-lhes admiravelmente o tipo de Arte a fotogra-

As impressões que levou de Lisboa O PRINCIPE AFRICANO que esteve na Exposição

ria de Francisco de Oliveira, o grande retratista que tem o segredo de fazer confluir numa atitude espontanea, num



Sua Alteza o príncipe Abulbader herdeiro do régulo Brangulbalder

simple gesto das feições, os traços mais puros, definidos, da expressão humana. Quasi podemos dizer que, melhor que a propria gente africana vista na Exposição Industrial, foram as figuras admiradas no atelier daquele artista, que voltámos a encontrar no seu ambiente natural, principesco, em plena selva de Africa.

Uma saudação geral, cheia de exotica reverencia, dirige-se, ou antes supomos, confundidos, que se dirige á nossa pessoa. Mas olhamos o Príncipe, que, com a franquesa da sua raça, conhecedor das regras civicas do pais em que vive em harmonioso protectorado, nos estende a mão. Retribuimos-lhe, também, com todo o nosso civismo e a mais espontanea simpatia. Em seguida procedemos igualmente com os dignatarios que, em indumentaria semelhante, branca, ainda com algo de marroquino, o rodeiam, acachapados, inertes como bonzos. Para com aquele gracioso grupo do sexo masculino, cujas figuras nos sorriam como grandes creanças de chocolate, com crêmes nos labios, limitamo-nos a uma vénia de longe, gentil e cautelosa.

É, para abrir a nossa entrevista, falámos do que ali nos havia levado.

— Oh, sim, si... — diz-nos no seu

leveu de Lisboa AFRICANO Industrial Portuguesa

português particularmente sotaqueado. E começa por espaçar as silabas: — *I-lustração*... A melhor, a melhor!...



O régulo Illocoassana, tenente do exercito, que fazia parte do séquito

Agradecemos a sua opinião, que perfeitamente se adapta á do critério europeu. Nisto, um risadinha desvia-nos a atenção: damos com uma jovem africana exibindo-nos, com o seu ar hilariante, um número da nossa revista.

Em seguida, entrámos no assunto que nos interessava e dissemos ao príncipe: — *A Ilustração* deseja conhecer e transmitir aos seus leitores, as impressões que Sua Alteza conserva da metropole, particularmente de Lisboa e da Exposição.

— Portugal... — responde-nos, enchendo de respeito o seu semblante redondo e alegre. — Se aqui não fosse Portugal, não viviamos com este bem... Talvez nos revoltassemos...

Dizendo-o, olha em volta os vultos brancos com rostos escuros, que conservam um ar severo, solene, consciencioso, de assentimento. A mesma solemnidade propaga-se ás proprias negrinhas gentis, que parecem estar espreitando-nos. E Sua Alteza volta a erguer a voz:

— Portugal foi quem primeiro veiu dar-nos as mãos. Portugal foi quem primeiro aboliu a escravatura...

Ponderámos no conhecimento histórico deste principado africano, que excede e corrige o da Sociedade das Nações. Mas,

depois de anotarmos a nobre e honrosa simpatia do Príncipe pelo pais dentro de que vive em tanta amizade e bem-estar, indagamos propriamente das suas impressões de Lisboa.

A alegria volta a acender-se na assembleia claro-escuro, espavitando as atitudes e os sorrisos das jovens cortesãs. Sua Alteza responde-nos:

— Sim, Lisboa, muito bonita, muito grande. E nem sei (sabe você?) por que fazem as casas tão altas. Parece que não chega a terra...

Na verdade, admitimos o raciocínio principesco: edificarmos (nós, os civilizados, sobretudo os americanos) casas em altura e não em extensão, dá a idéa de que não nos chega o terreno. E, quando explicamos que isso se deve á carestia do terreno, o Príncipe não acredita, pois diz haver terreno que, pela sua amplitude, deveria ser barato e continuava, no fim de contas, por edificar. Sugere-nos que não se poupou a terra numa das coisas que mais lhe agradaram, lembrando-lhe a sua Africa, na Capital: as avenidas; sôbre tódas a de que ele se recorda melhor — a da Liberdade.

— A Africa também é bonita — diz-nos, orgulhoso, impante. — Na Avenida da Liberdade há o bonito de Africa. As mesmas idéias, o mesmo raciocínio lhe sugeriu a aglomeração da gente e dos veículos «ca em baixo, na Baixa», onde precisa-

mente viu a cidade, mais estreita, enquanto pela amplitude, pelo desafogo das avenidas passavam poucas pessoas e corriam poucos automóveis. O movimento assim aglomerado, confuso, deu-lhe uma noção menos de festa que de combate dissimulado, aos encontros, e os veículos, correndo em caudais, pareceram-lhe animados de espirito de atrepelamento...

A propósito dos passeios que deu pelas ruas, muitos para retribuir visitas officiais, recorda-se do garotinho que o seguia e lhe fez lembrar, apesar de ser branco, por



Uma das cantoras que mais se salientou

seu deslumbramento abelhudo, o da sua terra, talvez mais basbáque, mais intrometido. Os próprios senhores e jovens vestidos como os melhores, paravam e embasbacavam-se para o vér passar. Sôbre o palácio da Exposição, disse-nos:

— Porque não são tódas as casas de Lisboa, tão bonitas, tão engraçadas (pareceu-nos que ainda nos disse): tão leves?

— E as mulheres? — preguntámos á mocidade do Príncipe.

— Bonitas — volvem-nos Sua Alteza. — Mas porque, sendo tão bonitas, se... se...

— Se não mostram mais como são? — acudimos.

O príncipe riu-se e prosseguiu:

— De nós, do que era nosso, elas quiseram ver tudo... tudo!

Umás, gargalhadas juvenis, frescas acolheram estas últimas palavras do Príncipe.



O régulo Rembadanego



Lino Ferreira — nosso brilhante colaborador — desta vez não teve necessidade de ir à pesca para nos brincar com as suas anedotas. Éte é que foi pescado pelo micro e teve de fazer uma conferência rãdiofônica. Vamos dar aos nossos leitores o extrato dessa palestra:

SENHORAS AUDITORAS
E SENHORES AUDITORES:

Quando me convidaram para fazer esta palestra eu, palavra, hesitei mas por fim resolvi-me. Sou assim em tudo na vida. Quando tomo banhos de mar... primeiro que me atire à água é um sarilho... hesito... hesito e por fim atiro-me... Para fazer um negócio é uma tragédia... hesito... hesito e por fim atiro-me... Quando me apaixono e me declaro, é um cataclismo... hesito... hesito... e por fim... atiram-me sempre qualquer coisa. Já uma vez atiraram-me com um prato de sopa, um prato de carne, um prato de sobremesa e um prato de doce... Como vêem... ou por outra, como ouvem foi um menuzinho com pratos variados.

Mas seja como fôr, comprometi-me e agora tenho de falar. Santo António falou aos peixes... os oradores dos comícios falarão à alma do povo, os namorados falam ao telefone, os banqueiros falam às massas, as sogras falam que não se calam, não é pois para admirar que eu fale ao microfone...

Não calculam V. Ex.^{as} como é desagradável para uma pessoa que costuma estar em contacto com o público presente, ver-se obrigada a comunicar com o público ausente. Neste momento tenho a impressão que se está rep esentando uma peça minha para uma sala vasia... o que infelizmente já me tem acontecido... Depois isto de falar pelo Rádio tem qualquer coisa de sobrenatural, de espiritismo... É assim uma coisa como estar a falar com uma mesa de pé de

galo, que responde batendo com os pés no chão. Para bem da verdade devo declarar que algum público já me tem respondido diversas vezes da mesma forma, mas deixemo-nos de preambular e passemos ao assunto da minha palestra. Conforme foi anunciado, intitula-se a minha conferência: *Sobre as ondas hertzianas*. Sinto-me bem ao tratar este assunto. Ulisses, o fundador da terra que me serviu de berço, era também danado para as ondas. Tanto que lá diz a cantiga:

*Ulisses, arjendo em braza
Sobre o mar de Trebizondas,
Caminhava sobre as ondas,
Como nós por nossa casa.*

Ora eu estou resolvido a caminhar sobre as ondas hertzianas, já não digo como o Marconi mas como o sr. Abílio dos Santos. C T 1 AA... E Deus queira que V. Ex.^{as} façam todos Ah! Ah!... que é sinal que se estão a rir...

Voltemos às ondas.

As ondas da telefonia sem fios são como as ondas dos cabelos das mulheres. Ondas compridas, eram as ondas das cabeleiras até aos pés que enlouqueceram os poetas. «Nas ondas dos teus cabelos, vou-me deitar a afogar... «As ondas curtas são as ondas do cabelo à «garçonne». A minha ambição, desde, que dei em senfilista é encontrar uma mulher com o cabelo às ondas hertzianas.

Vou agora passar a descrever a V. Ex.^{as} como consegui construir o mais perfeito aparelho de telefonia sem fios. Comecei, por arranjar a caixa. Para isso servi-me duma caixa de pós Keatings. Dessa forma foi-me possível eliminar os parasitas logo de entrada.

Como alimentadores meti dentro da caixa o meu merceeiro e o homem do talho. Para ampliador servi-me dum boateiro meu amigo, carregadores contratei dois da Alfandega e baterias arranjei as melhores... a de Queluz, a da Ameixoeira e a de Caxias.

Admiram-se talvez, V. Ex.^{as} dos meus conhecimentos Radiofónicos. Pois ainda isto não é nada.

Querem saber o que é um aparelho de detenção?... É o Torel, e um receptor... é o que compra os objectos roubados.

Sabem o que é o cálculo das resistências? É uma coisa que os governos fazem quando sai para a rua uma revolução. E a reacção?... Por causa da reacção dá-se um caso muito engraçado com um amigo meu que é liberal e verme-

lhaço... Sempre que a família quiere ligar o aparelho da telefonia sem fios êle começa a gritar... Abaixo a reacção!... Abaixo a reacção!... E não há ligação possível.

Para se saber trabalhar com a Radio-telefonia é preciso conhecer os amperes, os volts e os ohms.

O Ampere como o nome está a dizer «Un père...» é um pai... quando se tem uma boa amperagem tem-se «un beau-père...» que é um sógro.

Os volts são a força... Até se diz que Portugal tem muita força porque anda sempre aos volts. Ohm, finalmente, é a unidade da resistencia. A's vezes a resistencia não se consegue só com uma unidade, são precisos muitos regimentos... Esquecia-me de lhes dizer que os ohms não se medem aos palmos. O principal num aparelho Radiofonico é um bom sistema de eliminação das estações vizinhas...

O posto da Exposição Industrial eliminou a Rotunda. Os aparelhos modernos eliminaram Monsanto. Ora uma vez eliminados a Rotunda e Monsanto foi facil ao governo eliminar as revoluções.

Se não fossem os gramofones, as businas dos automoveis, os pregões e os discursos do sr. José Parreira, tinhamos socego absoluto. Mas dos aparelhos eliminadores é bom não abusar. Outro dia na linha de Cascais deu-se um caso gravissimo. O comboio largou do Cais do Sodré... passou Santos e não parou porque não havia estação; passou Algés e não parou porque não havia estação; passou Cruz Quebrada e não parou porque não havia estação. Ao que fora devido esse fenomeno? O chefe da Estação de Paço d'Arcos tinha um aparelho tão bom que conseguira eliminar todas as outras estações...

Eu, como soffro muito com o calor, ando a ver se arranjo um aparelho que elimine a estação calmosa.

Para terminar vou-lhes contar uma desgraça acontecida a um camarada meu; apaixonado pela Radio-Telefonia attribuia as falhas do seu aparelho a um contacto com a terra... Ligou o fio da terra á torneira do lavatorio e não achou bem; passou-o para o bico de gás e nada... amarrou-o ao autoclismo e não ficou satisfeito com as descargas... Aquilo já era uma obsessão... Andava pela casa e só dizia... Pouca terra... pouca terra... pouca terra... Ao fim de alguns dias começou a imaginar que era o comboio e endoideceu.

E para que V. Ex.^{as} não endoideçam tambem cumprimento o microfone e retiro-me.

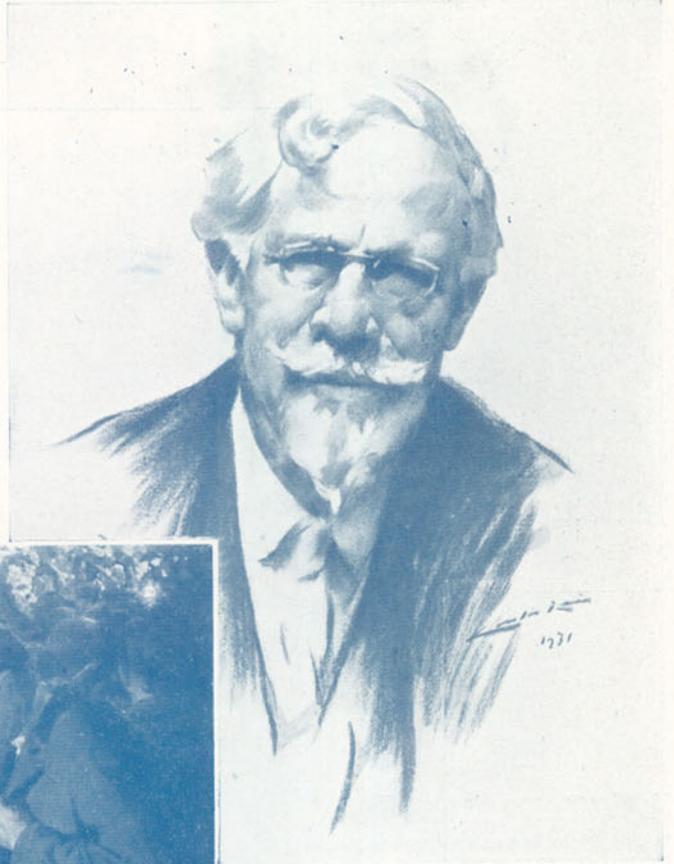
Lino Ferreira.

O jubileu de Carlos Reis

QUANDO soube que Mestre Reis ia ser atingido pelo limite de idade, não pude deixar de sorrir. Só ha, com efeito, um limite de idade que conte, e esse está na mão de Deus. Os outros são méras prescrições burocráticas, bem paradoxais ás vezes.

Decidiu a lei, que Mestre Carlos Reis deixe de ser professor na Escola de Belas Artes por ir ultrapassar a idade limite. Ignora a lei, já se vê, que a arte do grande Mestre se mantém em caminho de ascendente perfeição e que as admiráveis faculdades criadoras do incomparável pintor, mais se tem robustecido em cada ano que passa. Toda a sua obra, cheia de beleza, é a glorifi-

cação esplendida da paisagem e dos costumes portugueses. Os seus quadros, admiráveis de desenho, de luz e de côr, são verdadeiros poemas do mais elevado nacionalismo. Cada vez ha mais que aprender nas novas obras do Mestre e cada vez êle tem mais que ensinar da sua Arte, que



Carlos Reis (Auto-retrato)



«O garrafão vazio» (Último quadro do mestre Carlos Reis, exposto actualmente nas Belas Artes)

se renova e progride. Mestre Reis continuará pois a ser professor de facto e de direito. Honrar-se-ia o Estado reconhecendo êsse direito, por uma excepção á sua lei, em homenagem áquele espírito e áquele Arte que, contra o conceito burocrático, souberam vencer o Tempo.

Conde de Penha Garcia.

(Página do livro que está no prelo sobre a obra de Carlos Reis. O sr. Conde de Penha Garcia é um dos membros de honra do Grupo Silva Pôrto que é composto, como se sabe, pelos pintores António Saude, Falcão Trigozo, Frederico Aires, João Reis, com Carlos Reis á cabeça).



António Saude



Falcão Trigozo



Frederico Aires



João Reis

O aviador Hinckler



O aviador australiano Bert Hinckler, que levantou vôo de Londres para tentar fazer um raid à Austrália — no dia 7 de janeiro — ainda não apareceu. Hinckler propunha-se bater um novo record.

Através o Saará



UMA jovem sueca, de nome Eva Ditson, atravessou de automóvel, acompanhada unicamente por um preto de 15 anos, chamado Hassauali, o deserto do Saará. De volta para a Suécia passaram em Paris e foram alvos das atenções parisienses.

O «actor-zoológico»



HÁ em Madrid um funcionário público que imita animais. Usa nos cartões de visita o seguinte: «Carmelo Bermudez, actor-zoológico, especialidad en imitaciones de lobos, patos, gallinas, codornices, perros, loros, burros, lloro de niños e cantos regionales».

A graça alheia



— É UM HOMEM LIVRE... A TUA MULHER ESPERA-TE À PORTA...
— É DIZES QUE SOU LIVRE! LIVRE DA CADEIA, MAS NÃO LIVRE DELA!

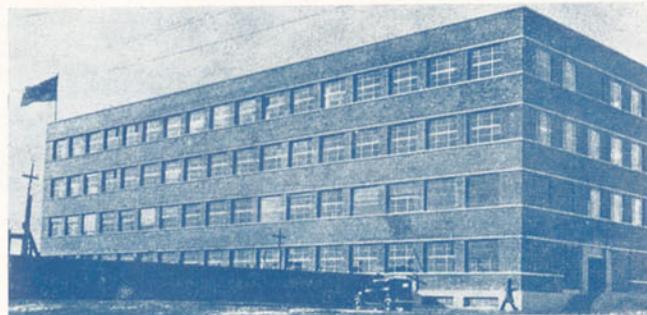
PELO MUNDO FÓRA

O aniversário da fundação do «Reich»



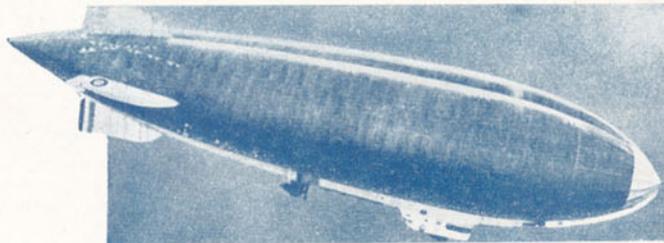
PARA celebrar o aniversário do «Reich» realizou-se no Palácio dos Sports, em Berlim, uma festa organizada pela «Kyffhaeuser Union». Falou em primeiro lugar o general Von Schleicher e à entrada do kronprinz houve uma formidável manifestação, tendo sido vitoriado, durante dez minutos.

A Cidade Universitária de Madrid



NA capital espanhola está-se edificando uma Cidade Universitária. Ultimamente ali se inaugurou um outro edificio onde vão funcionar as Faculdades de Filosofia e de Letras. Caso interessante a registar: estão matriculadas nestes dois cursos duzentas e vinte raparigas.

Um dirigível da marinha francesa



A França conta mais um dirigível: o «E. 9». As primeiras experiências resultaram magníficas. Fez 112 quilómetros à hora. Percorreu o percurso Orly — Melun — Tournon — Le Bourget-Orly. O seu raio de acção permite-lhe estar no ar durante quinze horas. Póde levar armamento até uma tonelada. Como passageiros, além da tripulação, póde transportar seis a sete. É destinado a cooperar com as forças navais.

Uma nova peça de Charles Méré



No Teatro Renaissance estreou-se uma nova obra de Charles Méré: «Le désir». Tem 2 actos e 5 quadros. A crítica parisiense recebeu-a com reservas. O enredo é escabroso e por vezes em demasia. Não se lhe augura longa vida no cartaz. O teatro francês está em decadência.

Esgrima japonesa



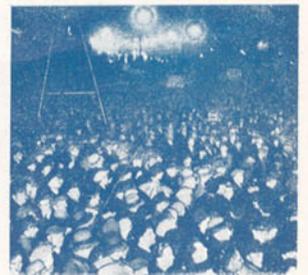
Os japoneses praticam muito um sport interessante, a que dão o nome de «Kendo». É um jogo de esgrima, mas jogado com canas de bambú. Usam grossas carapaças de arame para defender a cabeça e a cara. Este sport está sendo também usado na Califórnia onde foi introduzido pelo professor japonês M. T. Shino.

Teatro espanhol



O actual ministro da Agricultura do govêrno do país vizinho, sr. Marcelino Domingo, é um apreciado dramaturgo. Na gravura vê-se o conhecido politico espanhol lendo uma peça da sua autoria — «Dona Maria de Castilla» — aos artistas da companhia Xirgu-Borrás.

O comunismo



EM Berlim, antes da subida de Hitler ao poder, efectuaram-se grandes manifestações comunistas. Uma delas, realizada em Lustgarten, juntou numa praça, mais de quinze mil jovens.

A graça alheia



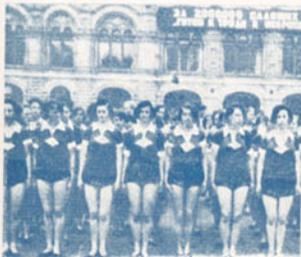
— JACOB!... QUANTO PENSAS DÁR PARA A CORDA DO TEU AMIGO!
— QUANTO PENSO?... NÃO BASTAM AS MI-NHAS LAGRIMAS?

A lição do «Atlantique»



O inquerito feito no «Atlantique» provou ter havido crime. Agora o caso está entregue à policia. Para evitar a propagação rápida de incendios a bordo, os marinheiros do «Massilia» já usam mascaras contra o fumo para melhor os poder atacar.

As jovens russas



Em Moscou ha todas as semanas demonstrações de cultura fisica na «Praça Vermelha». Jovens, devidamente uniformizadas, fazem exercicios fisicos, que uma enorme multidão admira.

O pão em Paris



Para protestar contra o aumento do preço do pão efectou-se na Sala Wagram, em Paris, uma reunião que foi concorridissima.

A saída, houve ruidosas manifestações que obrigaram a policia e forças do exercito, a intervirem.



A graça alheia

— O TEU VESTIDO É REALMENTE BONITO. MAS NÃO ACHAS QUE TE MOSTRAS DEMASIADO?
— UMA MULHER HONESTA NÃO DEVE ESCONDER NADA...

PELO MUNDO FÓRA

A crise ministerial em França



DELADIER — agregado da Universidade e deputado, antigo ministro das Colónias, Instrução, Guerra e Obras Públicas, e ex-presidente do partido radical-socialista — é o novo chefe do governo francês. Disse á imprensa o seguinte: «Lebrun quis dar-me a honra de encarregar-me de formar o novo gabinete. Aceitei esta incumbência. Não desconheço as dificuldades do momento, mas julgo que resolvê-las é questão de vontade».

Hitler sobe ao poder



SOSSOBRARAM OS ministérios presididos por Brüning, por von Papen e por von Scheicher. A questão da integração do movimento nacionalista no Estado deitou-os a terra. Hindenburgo chamou ao poder, para o alto cargo de chanceler, Hitler. Todos os chefes da aliança daquele movimento fazem parte do novo governo. Hitler conseguiu atingir os objectivos essenciais que se propuzera. Na gravura vê-se Hitler rodeado pelos seus ministros.

Venizelos outra vez no govêrno



NA Grécia, caiu também o governo que Tsaldarischefiava. Voltou ao poder Venizelos, que se propõe resolver a grave crise financeira que atravessa aquele país. A acção de Venizelos é conhecida na Europa. Homem de pulso, forç de vontade, empenha se em terminar a luta existente entre realistas e republicanos, que tão prejudicial vem sendo aos destinos gregos.

A nova «Mariana»



A nova «Mariana»

A figura simbólica da República Francesa a «Mariana» — foi mudada. Era da autoria do escultor Injalbert — que morreu dois dias



A antiga «Mariana»

depois de ser substituída a sua obra — coincidência curiosa. O sub-secretário de Estado de Belas Artes do governo Boncour assim o



Injalbert Poisson

decretou. Não gostou do seu fino perfil parisiense e preferiu uma robusta «Mariana», que respira saúde, tranquilidade e candura. A nova «Mariana» é de Poisson, um escultor que se tem imposto pelo seu talento.

QUANDO foi da minha grande aventura pelos palcos desse mundo, relacionei-me com os melhores nomes da aristocracia, das artes, e da literatura, representando, lado a lado, com grandes artistas.

Acontece, porém, que para Yvette Guilbert o destino abriu uma exceção extraordinária. Conheci-a, sem a conhecer ainda, seguindo de longe, daqui dos nossos teatros, o seu caminho glorioso.

E assim me habituei a admirá-la. Mas não é nisto que reside o ponto original das minhas relações espirituais com Yvette, sem nunca a ter visto senão em retrato.

Já vão saber. Como eu conhecesse vários idiomas e, entre eles, muito bem o francês, lembrou-se o eminente crítico teatral Colares Pereira, falecido há pouco, de sugerir-me a idéia de imitar a grande cançonetista.

Eu só sabia da sua «maneira» especial de detalhar um *couplet*, pelos seus biografos e críticos.

Mas esse pormenor não me assustou. Mandei vir de Paris grande parte do seu reportório e tratei de assimilar o feitiço artístico da famosa intérprete da *Lanterne*.

As suas canções eram de um realismo fortíssimo, mas ela dizia-as, sem um esgar, sem um gesto, quasi automaticamente, enfiada naquele vestido verde mar, que ficou célebre como as suas compridas luvas pretas que passavam do cotovelo.

E, vestida como ela e como ela enluvada, exibi-me primeiro em sessão particular, perante diplomatas estrangeiros e jornalistas.

Todos foram unânimes em admitir que Yvette nunca tivera quem tão fielmente a reproduzisse, ela, que era a artista mais imitada do seu país.

Depois, no Trindade, o palco da minha estreia e dos meus saudosos exitos, apresentei-me, no género, ao grande público. Mesmo os que nunca daqui tinham saído, acharam delicioso o geito da famosa *diseuse*, geito que uma portuguezita atrevida ousou trazer a palcos portugueses. Auxiliava-me poderosamente a minha disposição natural para a cançoneta.

Vejo ainda, no camarote real, a nossa bondosa Rainha D. Amélia, que ria das engraçadas peripécias, que eu contava com o ar frio, imperturbável e inocentíssimo de quem não compreende as barbaridades que está dizendo.

Les trois petites filles, *Le petit cochon* e *Je suis pocharde*, foram apresentadas por mim, diziam, como se Yvette estivesse cantando essas canções, em frente dum espelho. O meu trabalho mereceu ao ilustre autor do *Barão de Lavos*, Abel Botelho, uma referência entusiástica.

Não foi propositadamente que trouxe para aqui esta passagem da minha vida

CAMINHO DE “ESTRÊLAS”

de actriz; mas tendo que falar de Yvette era natural que me referisse a este facto, que não deixa de ser curioso.

E mais curioso é, anos mais tarde, eu ter-lhe sucedido, no programa do Coliseum de Londres, tomando exactamente o lugar que ela deixara nas véspera.

A carreira da mulher que foi, na fama, a única rival de Sarah Bernhardt é das mais brilhantes e bastante movimentada.



Yvette Guilbert

De simples costureirinha, guindou-se depressa à categoria da artista mais cara de *music-hall* da França.

Como então estavam habituados às cantoras de grande voz e às cançonetistas barulhentas ou excessivamente expressivas, nos seus estribilhos *canailles*, por demais sublinhados, quando Yvette surgiu no palco, singelamente vestida e dizendo singelamente, como se recitasse uma lição, as maiores malícias, valorizando-as apenas com a dicção mais nítida e mais pura que se tem ouvido em teatro, foi uma verdadeira revolução no gosto do público.

Surpreendido a princípio, pela singularidade, logo compreendeu quanto havia de talento creador, no prodigioso labor da debutante, e tôdas as noites, semanas,

meses e anos seguidos, as salas onde Yvette se apresentava enchiam-se «à cunha», como é da praxe dizer-se.

Depois, com o decorrer dos anos e como no teatro a moda se renovasse, Yvette tratou de abandonar o vestido verde e as luvas pretas, já muito vistos e muito imitados, e poz-se a pesquisar, pelas bibliotecas e arquivos, velharias do passado, que sempre cativam as novas gerações. E um dia apareceu aos seus antigos fieis, e futuros devotos — que eram todos aqueles que uma vez a ouviram — vestida de dama antiga, com a sua cabeleira branca, desliando como num rosário as velhas canções da França, que são, no *Folklore* universal, preciosos exemplares de lirismo e de ternura.

Tôdas essas ingenuidades, salpicadas de uma delicada bregeirice, algumas, passavam na sua voz, amaciada pela vida, com a mesma elegância e a mesma finura com que ela dantes limava as asperezas das canções de *boulevard*. Yvette foi durante a guerra à América do Norte cantar as suas velhas canções e por lá se demorou sete anos.

Devotadíssima a tudo quanto havia de belo nas artes, ali fundou uma escola para senhoras, onde se ensinava desde a atitude à expressão teatral, o que encantava. Nas raparigas «yankees» que adoravam a sua professora como a uma fadasiinha que lhes dava assim maior beleza e feitiço.

Quando voltou a Paris, trouxe mesmo consigo um grupo de *girls* que entusiasmou os parisienses, mas muito diferentes destas *girls* de agora, que levantam a perna com mais facilidade do que compreendem a beleza de uma frase poética.

É preciso assinalar que Yvette, na sua primeira fase, já tinha andado pela América, em *tournee* e que foi lá que encontrou aquele que é hoje seu marido — o dr. Schiller — que, é de notar, não tinha grande empenho em a conhecer, quando

um amigo o obrigou quasi a acompanhá-lo ao teatro onde ela cantava.

Sempre foi assim: o desdem, e às vezes uma troca de sócos fazem um casamento ou juntam dois amigos.

Depois de tantos louros colhidos no palco, Yvette Guilbert quiz experimentar o *écran*.

Mas, verdade, verdade, por não ter sido bem aproveitada, não pode inscrever mais um êxito na sua lista, por ora.

Talvez nas *Deux orfãs*, no papel da «Frochard» — a velha ignobil, carrasco de crianças — ela consiga evidenciar-se.

Por mim, não me agrada que ela se ajuste a essa personagem.

É tão diferente de toda a sua obra de encantamento, que me há-de custar vêr, nessa repelente bebida, a artista excelsa que nos embriagou de arte e de beleza.

Mercedes Blasco.

UMA GRANDE OBRA DE ASSISTÊNCIA

A «Maternidade de Alfredo da Costa» é um milagre de energia, persistência e altruísmo

HÁ fachadas que têm a sua fisionomia. Umhas são lugubres, soturnas como se ocultassem dores e desventuras. Outras altivas, orgulhosas, como barreiras soberbas erguidas contra a multidão. Há as que se mostram acolhedoras e as que se revelam, ao primeiro olhar, hostis.

Esta da «Maternidade de Alfredo da Costa», que se ergue vasta e desafogada, ali para os lados da Praça Duque de Saldanha, tem, como poucas, uma fisionomia bem acentuada.

O arquitecto soube fixar na pedra, no traçado das janelas amplas, na disposição dos sóbrios elementos da decoração, um ar maternal e acolhedor, que se traduz em promessa de amparo e carinho.

Ao fitar essa fachada vasta surge, quasi instinctivo, o desejo de a visitar, de conhecer o que há por trás dessas paredes em que as janelas abrem espaços largos, por onde o Sol entra contente. Mas antes de o fazermos, vale a pena evocar um pouco de história desse edificio grandioso.

Há quem não acredite em milagres e quem nêles creia cegamente. Quem negue as manifestações de vontade sobrenaturais e quem afirme a sua existência. Questões de fé que estão fóra dos domínios da lógica. O que há são factos excepcionais, conjuntos raros de circunstâncias, coincidências imprevisíveis. Que cada qual as explique como entender, atribuindo-as ao acaso ou a insondáveis designios, não nos preocupa. Mas se lhes chamarmos milagres, a história da «Maternidade de Alfredo da Costa» está cheia de milagres.

Primeiro milagre é a sua realização, prodígio de paciência, de energia, de tenacidade, de dedicação — um dos mais raros que conhecemos. Durante vinte anos — todo um período útil da vida humana — um homem trabalhou sem desfalecimentos, animado duma fé profunda, nessa obra admirável. Esse homem, já o leitor o sabe, é o Prof. Augusto Monjardino, alma da «Maternidade» que em criar essa obra consumiu o melhor das suas energias e uma parte considerável da sua existência.

Chamámos milagre à realização desta obra porque raras vezes o destino põe ao serviço duma causa tão humanitária e elevada vontade tão firme e tenaz. E mais raro ainda é que essa vontade logre transpôr todos os obstá-

culos que se lhe opõem, vencer todas as indiferenças e más-vontades. Mas há na história da «Maternidade de Alfredo da Costa» outras circunstâncias extraordinárias, outros milagres.

Um dia a obra grandiosa passava uma crise grave. O mal, o mesmo que tem custado a vida a tantos empreendimentos generosos e úteis — a falta de verba. Ia talvez perder-se o fruto de tantos e tantos esforços acumulados, ruir por terra todo o belo sonho do Prof. Augusto Monjardino.

Foi nesse momento decisivo que um homem entrou no consultório do prof. Monjardino e com um gesto simples e modesto pôs, ante os seus olhos assombrados, um cheque onde se lia a soma enorme de mil e quinhentos contos. Em troca exigia apenas que o seu nome não fosse revelado. E tão extraordinário era o facto que o Prof. Monjardino, numa natural reacção, hesitou. Teria na sua frente um megalómano, um mistificador ou um filantropo? Mas a dúvida, bem depressa, cedeu, o lugar a admiração. As obras iam proseguir, graças a esse donativo que era por si só uma considerável fortuna.

O nome desse benfeitor conhecem-no hoje todos, por virtude duma triste circunstância — a sua morte. Chamava-se José Rovisco Pais. E nunca em terras de Portugal alguém espalhou o bem com maior desinteresse e mais admirável modestia. Possuidor, pelo esforço próprio, duma importante fortuna e animado de profunda piedade pelos que sofrem, pôde e soube



Professor Augusto Monjardino

pôr toda a sua grande riqueza ao serviço de causas generosas e humanitárias.

Quis ser sempre ignorado e conseguiu-o. Singular figura esta de avarento magnânimo que regateava a si próprio uma passagem de electrico em noite de chuva e fazia donativos de milhares de contos para minorar as dores dos que sofrem!

Há ainda na história da «Maternidade de Alfredo da Costa» um outro milagre. Podíamos chamar-lhe coincidência de datas — perfeitamente casual, de resto, porque nela não interveio propósito algum. Para relatar o facto temos de recuar um pouco no tempo e evocar certos acontecimentos que precederam a fundação da própria «Maternidade».

O terreno, onde a vontade persistente do

Prof. Monjardino fez erguer o grandioso edificio da «Maternidade» foi em tempo propriedade da casa Camaride. A representante dessa casa, senhora de profundas convicções religiosas, fez dêle, um dia, doação aos «Padres do Espírito Santo» para que ali fosse erguida uma igreja-monumento à Imaculada Conceição.

Passava-se isto nos últimos anos da Monarquia, justamente quando era mais vivo o tumultuar das ideias liberais e mais forte o espirito anti-clerical. Logo aos que discordavam da construção da igreja-monumento ocorreu fazer erguer, no largo que lhe havia de ficar fronteiro, uma estátua de António José da Silva, o admirável autor do Teatro Portu-



Sala de sessões da «Maternidade»

guês, conhecido por *o Judeu*, que nas fogueiras da Inquisição pereceu, vítima das suas ideias liberais.

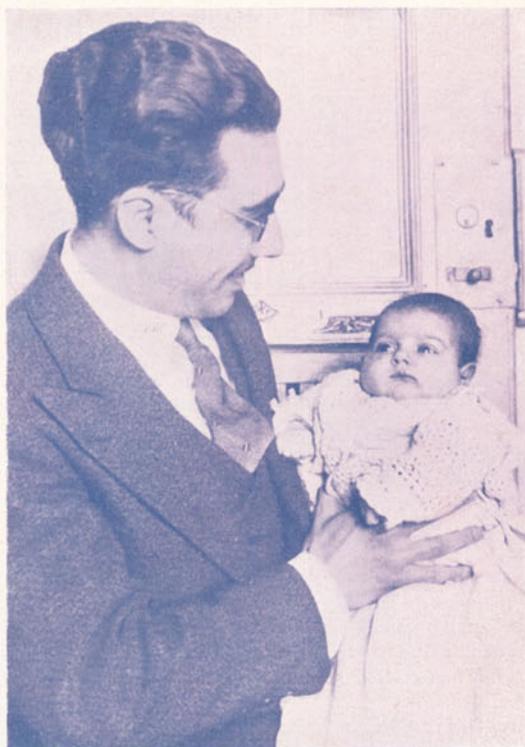
Ambas estas iniciativas estavam, porém, destinadas a não terem realidade. Da igreja-monumento chegou a fazer-se o lançamento da primeira pedra, que foi assinalado por conflitos sangrentos entre os liberais e a Polícia. Quanto ao monumento a António José da Silva, lá está hoje o pedestal inacabado, já sem significação para o transeunte. Há tempo, o comandante Quirino da Fonseca lembrou ao Prof. Monjardino que sobre esse pedestal fôsse colocado o busto de Alfredo da Costa que encima o *hall* majestoso da «Maternidade». Mas a sugestão não foi aceita por ser o busto oferta da viúva do grande professor e ainda por ser opinião do Prof. Monjardino que a figura de Alfredo da Costa, paladino admirável da protecção às mãis, não possui, contudo, popularidade que justifique a sua consagração na praça pública. Por isso, o pedestal continúa à espera de que se lembrem de o aproveitar para homenagear alguma das muitas figuras da nossa história que não possuem ainda em Lisboa um monumento.

Mas, voltemos ao assunto. Com a implantação da República e a promulgação da lei sobre os bens das congregações religiosas, não quiseram os «Padres do Espírito Santo» conformar-se com

fício, as primeiras parturientes. E no dia imediato, — às 23,20 horas, segundo rezam os registos da Maternidade — nascia a primeira criança. Estava prestes a terminar o dia 8 de Dezembro que a Igreja católica consagra ao culto da Imaculada Conceição. E Maria da Conceição se ficou chamando a garôta a quem o dr. Machado Pinto, ilustre director da Assistência, serviu de padrinho e que é filha do enfermeiro da Associação dos Empregados de Comércio, Gastão Sérgio Martinho e de Flora Baía Martinho.

Tal é o facto que pode afigurar-se a uns simples coincidência de datas e a outros revelação de insondáveis desígnios. Porque o julgamos curioso o quisemos deixar arquivado nas páginas da «Ilustração».

Antes de falarmos propriamente da «Maternidade» queremos ainda referir-nos ao nome de Alfredo da Costa que a ela se encontra ligado. Alfredo da Costa foi, em Portugal, o pioneiro da humanitária campanha de assistência às mãis. O grande sonho de toda a sua vida de sábio emi-



Maria da Conceição, a primeira criança nascida na «Maternidade» a 8 de Dezembro, dia da Imaculada Conceição



Aspecto lateral das alas do enorme edifício da «Maternidade», onde se encontram instaladas as clínicas ginecologia e obstetrícia

determinadas disposições, pelo que o terreno entrou na posse do Estado. Foi o dr. Afonso Costa que o confiou tempo depois ao Prof. Monjardino para que nele fôsse construída a «Maternidade».

Uma analogia curiosa, talvez propositada, queremos salientar: o primitivo desígnio tinha em vista homenagear a Imaculada Conceição, símbolo católico do mistério da maternidade; o segundo, propunha-se servir de generoso amparo a essa mesma maternidade.

Como dissemos, durante vinte anos a construção prosseguiu lutando com obstáculos de todo o género. E um belo dia, estando terminada, procedeu-se à sua inauguração festiva. Foi em 6 de Dezembro do ano passado, há pouco mais de dois meses. No dia seguinte, davam ingresso, no vasto edi-

A modelar cozinha da «Maternidade», que ocupa o último andar do edifício



nente foi construir uma Maternidade. Por essa idéa lutou longos anos. Chegou mesmo a conseguir que para esse fim fôsse destinada uma verba de cento e sessenta contos, quantia considerável nesse tempo. A sua idéa era adaptar uns anexos do hospital de S. José, onde esteve instalada a Escola Médica. Circunstâncias diversas impediram que o seu sonho chegasse a ser realidade. Mais feliz do que ele, o Prof. Monjardino, seu discípulo muito querido e continuador da sua benemérita obra, conseguiu realizá-la. E num gesto de admiração e reconhecimento, quis dar-



O primeiro banho do recém-nascido, sob os cuidados carinhosos, quasi maternos, duma enfermeira da «Maternidade»

-lhe o nome do saudável professor. Agora que já conhece alguns dos factos mais curiosos que se encontram presos a história da «Maternidade de Alfredo da Costa», visite o leitor connosco essa admirável instituição. Admire o traçado engenhoso e inteligente de todo o edifício, a ordem tranqüila que domina tudo. Dum lado são os aposentos reservados ao pessoal clínico: gabinetes claros, mobilados com sobriedade e elegância discreta; quartos arejados, todos duma alvura resplandecente.

Por cima, ocupando cada uma a sua ala do edifício, ficam as secções de obs-

tetrícia e ginecologia. Enfermarias pequenas, de quinze camas no máximo. Na clínica de obstetrícia, um pequeno berço montado sobre rodas que se estende sobre cada cama e onde as mães podem sorrir ao fruto sagrado das suas entranhas. Salas de parto, onde tudo se encontra disposto para minorar a dor. Mais salas, para tratamentos pelos raios ultra-violetas e vermelhos. Salas de operações, onde a claridade entra a jorros, ofuscante, pondo reflexos vivos no niquelado das longas filas de ferro cirúrgicos.

Por toda a parte a mesma ordem meticulosa, que nos dá a certeza que cada objecto está no seu lugar, que não nos deixa adivinhar um vestígio de poeira nos móveis ou no chão. E uma certa sumptuosidade que afasta a idéa de «hospital» e faz pensar numa «casa de saúde» rica, onde o doente é rodeado de cuidados caros. Sumptuosidade que contrasta com o aspecto sóbrio e modesto dos aposentos reservados ao pessoal clínico — com o próprio gabinete do Prof. Monjardino.

À passagem por um corredor cruzamos com uma enfermeira que o Prof. Monjardino interroga.

Tem entre mãos uma fôlha de papel onde os traços negros se alinham. Adivinhamos que cada um desses traços, duma caligrafia tremida, corresponde a uma nova vida que desponta. E o Prof. Monjardino, apontando-nos os traços:

— Durante este mês: dezasseis nascimentos.

Estamos a 5 de Fevereiro. Mas o Prof. Monjardino quer deslumbrar-nos com números — números que são os frutos da sua grande obra.

— Ao todo, 268 nascimentos, em dois meses incompletos de funcionamento — diz-nos êle.

Continuamos a visita de que só nos é possível dar um curto relato.

No último andar é a cosinha — uma cosinha que foge, em absoluto, ao conceito que dela formamos, em geral. Arejada, clara, alegre, com vastos espaços por onde passeamos, assistindo à preparação duma refeição. E situada no último andar para que as suas emanações se não espalhem pelo edifício, como tantas vezes sucede nos hospitais.

Descemos às caves, onde se encontram situa-



À frontaria da «Maternidade», vendo-se no primeiro plano o pedestal abandonado, que se destinava a uma estátua de Antonio José da Silva, o «Judeu»



das as caldeiras cujo calor se reparte por todo o edifício.

E de alto a baixo admiramos sempre a mesma ordem cuidada e serena, onde se sente a vontade criadora e disciplinadora do Prof. Monjardino.

Duma visita à «Maternidade de Alfredo da Costa, traz-se, como impressão dominante, uma admiração sem limites — talvez, uma pontinha de inveja — pelo Dr. Monjardino, êsse homem cheio de energia que soube querer e que hoje, realizada a obra, contempla tranqüilo os seus frutos. Frutos que palpitam, que choram e que abrem os olhitos espantados ao Sol que entra contente pelas janelas da «Maternidade».

Um grupo de dedicadas enfermeiras encarregadas de cuidar dos recém-nascidos

M. L. Rodrigues.

À CAVALARIA

À propósito da sua festa realizada no Campo Grande

SANTA Isabel, 10 de Fevereiro, 10 e meia da manhã, horas do correio. Uma carta. Nela um pedido para ir à redacção da «Ilustração».

Redacção da «Ilustração». Meio dia. Alvaro de Andrade e eu.

— Escreve-nos alguma coisa sobre a festa da cavalaria?

—?!... Mas... eu sou a pessoa menos indicada para o fazer!

Insiste. Põe-me diante dos olhos fotografias das cargas da nossa cavalaria, instantaneos tirados na sua festa, que eu não quis ir ver por orgulho e não pude ir ver por muita saudade.

Escrever sobre a cavalaria! Eu?! Que posso eu dizer?

Herculano escreveu nas «Lendas e Narrativas»:

«Trinta fidalgos, flor da cavalaria, corriam à redea solta pelas campinas de Beja: Trinta não mais eram eles...»

Ao largo, muito ao largo dos muros de Beja, vai a atrevida cavalgada em demanda dos mouros. De repente grita medonha troua além, de um pinhal da direita:

— Alah! Almoieimar! — Era o que dizia a grita.

Enfileirados em extensa linha, os cavaleiros arabes saíram à redea solta de traz da escura selva que os encobria. Pouco a pouco a planura que separava as duas hostes tinha-se embelhado debaixo dos pés dos cavalos. As lanças iam feitas; o lidador bradára Santiago e o nome de Alah soára em um só grito por toda a fileira mourisca. Encontraram-se! Do primeiro encontro muitos cavaleiros vieram ao chão. O Lidador topára em cheio com o terrível Almoieimar. As

lanças dos dois contendores haviam-se feito pedaços e o alfanje do mouro cruzou-se com a bôa toledana do fronteiro de Beja.

À redea solta lá volta o fronteiro de Beja: Escorre-lhe o sangue, em volto em escuma, pelos cantos da bôca; traz os olhos torvos de ira: Ai de Almoieimar! Semelhante ao vento de Deus, Conçalo Mendes da Maia passou por entre os cristãos e mouros. Os dois contendores viram-se e, como o leão e o tigre, correram um para o outro. As espadas reluziram no ar.

— Perro maldito! Sabe lá no inferno que a espada de Gonçalo Mendes é mais rija que a tua cervilhaeira!

Era assim a cavalaria portuguesa nas lutas da reconquista.

LUCHADAS — CANTO IV

XXVIII

*Deo signal a trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente e tenero:
Ouvio-o o monte Artabro; e Guadiana
Araç torvos as ondas de medroso:
Ouvio-o Douro, e a terra transtagana;
Correu ao mar o Tejo dudoso:
E as mãos que o som terrível escultaram,
Aos peitos os fihinhos apertaram.*

XXXI

*Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os vales soam:
Espedam-se as lanças; e as frequentes*



*Quedas co' as duras armas tudo atroado:
Recebem os inimigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.*

Assim foi nas luctas com Castela.

CANTO VI

XLIV

*Os cortejos, a quem tão pouco pesa
Saltar palavras graves de usadia,
Dizem que provarão, que honras e fama
Em tais damas não há, para ser damas.*

XIV

*E que se houver alguém com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que illes em campo raço, ou estacada,
Lhe darão fea infâmia, ou morte crua.*

LXI

*Mastigam os cavalos escumando
Os aureos freos com feroz sembrante*

*Mas exerce-se n'hum e n'outro bando
Partido desigual e dissonante,
Dos saes contra os doze: quando a gente
Começa a alborçar-se geralmente.*

LXII

*Eis entra hum cavalleiro, que traça
Armas, cavallo, ao bélico serviço:
Ao Rei, e as damas falla, e logo se hia
Para os oues, que late era o Grão Magriço
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.*

LXIII

*Picam d'espadas, largam redeas logo,
Abatam lanças, fere a terra fogo.*

LXIV

*Ihs cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme:*

LXV

*Cabe a soberba Inglaterra de seu throno,
Que doua, ou trez já fora vão do vallo:*

LXVI

*Gastar palavras em coar extermos
De golpes feros, cruas estocadas,
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com flechas altas e afamadas,
Co' os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.*

Os cavaleiros, no reinado de D. João I, batiam-se assim pelas suas damas!

«São três extensas linhas, grossas, intermináveis e confusas, cheias de pontos brilhantes, que vão descendo dos outeiros, como três rios caudalosos; distinguem-se já os grandes penachos de penas de avestruz, negras e brancas, os escudos de couro crú, ovais, da altura dum homem, as azagaías de pontos brilhantes, levantadas acima das cabeças.

Nos intervalos dessas colunas, linhas de atiradores, armados de espingardas e que começam a saltar tiros.

— Carregar!

Um ruído metálico, «eco, de culatras que se abrem e se fecham com um certo nervosismo.

Nem uma voz no quadrado; silêncio profundo, que deixa ouvir o ruído surdo dos pés do inimigo batendo com força o terreno, como cavalos.

A distância entre elles e o quadrado, vai diminuindo, vai diminuindo, e o rumor surdo dos pés aumentando.

— Apontar!

E uma linha de canos de espingarda estende-se em volta do quadrado.

O rumor dos pés, agora, é já trovoadas, e de súbito, ouve-se um clamor prodigioso:

— Famba! Famba!

E a velocidade da carga aumenta; as três colu-

nas já não marcham, voam; os penachos erguem-se verticais nas cabeças, quasi duplicando a altura dos homens.

— Famba! Famba!

Milhares de vezes repetem o grito, que alastra formidável pela planície como o ribombo dum trovão.

A distância diminui, engolida pelos pés do inimigo; são apenas 300 metros, são 200, são 100... as mãos dos soldados apertam nervosamente a arma, os dedos estão prestes a premir os gatilhos, mas a disciplina contém-os; e as torrentes inimigas progredem, os seus gritos são já tempestade, e sente-se o vento da sua marcha temerosa... o intervalo é apenas de 50 metros... o nervosismo dos nossos homens atinge o máximo; trava-se uma luta terrível entre o sistema nervoso e a disciplina que dura segundos e parece durar séculos.

Mousinho, ao centro do quadrado, erecto sobre o seu cavallo como um cavaleiro da Idade-Média, a aba do chapéu carregada sobre o lado, o pescoço estendido, a bandeira nacional fluctuando-lhe por cima da cabeça, domina o quadrado como um Deus da guerra contendo todos aqueles nervos, todas aquelas energias, todas aquelas forças prestes a desencadear-se e naturalmente, gosa esse momento único, em que a vontade dum homem domina a vontade de centos doutros homens, esse momento em que está absolutamente senhor das vidas de milhares, desse momento único que representa o mais absoluto poder humano, — o de matar.

E com a sua voz secca, aguda, enérgica, solta a terrível ordem: *

— Fôgo!

Uma chama envolve por um momento, todo o quadrado, seguida dum estrondo terrível, formidável, homérico, que faz tremer a terra; e logo a seguir as vozes dos comandantes dos pelotões:

— Carregar!

— Apontar!

— Fôgo!

E o estalar formidável das descargas, que se sucedem ininterruptamente, prolonga-se num



delírio, num frenesi, por entre as nuvens de fumo espesso, até que o som estridente, agudo duma requinta domina todo o barulho, mandando cessar fôgo.

Segue-se uma pausa, um silêncio profundo e solene, os olhos procurando debalde ver através do fumo. Mas pouco a pouco êste dissipa-se.

E o inimigo? Que é dêle? Grupos dispersos, correndo a tôda a velocidade, a procurar um refúgio por detrás da linha de outeiros donde tinham partido. E, em redor do quadrado, a 50 passos, montes negros de cadáveres, marcam o limite máximo da marcha de ataque do adversário.

— Cavalaria para a frente! Ordena a voz sêca de Mousinho.

A face da rectaguarda do quadrado abre-se, e Mousinho, à frente da cavalaria, lança-se a galope pela planície.

— Avante! Avante! E os cavalos rijamente esporcados, saltam, encabritam-se e largam a galope de carga.

— Avante! Avante!

E os cavalos tomam um galope fantástico,

E todos nos fitamos uns aos outros numa grande emoção, felizes por nos vermos vivos, mais felizes ainda por termos vencido o terrível inimigo e contribuído com mais uma vitória para a glória do nosso Portugal.

O sol que víamos nascer e nos inundára de luz radiante, iluminando a batalha, declinava agora para o ocidente indo levar a Portugal a mesma luz com que iluminára a batalha.

Era uma dessas maravilhosas tardes africanas, suaves, doces, serenas, impregnadas dum não sei quê de religioso e de grande.

Cada homem, mudo, concentrado, medita nas horas de vida que acabam de correr com a rapidez de minutos, e que nunca mais esquecerão, deixando na alma uma saúde indizível.

Na frente, as grandes manadas de gado apreendido ao inimigo, guiado por alguns cavaleiros;

das suas memórias, êsse grande Soldado, que foi o marechal Gomes da Costa. Transcrevendo-o, eu, irreverente, insubmisso, curvo a minha cabeça em preito de homenagem comovida, à maior, entre as maiores, alma de cavaleiro português dos nossos tempos:

Joaquim Mousinho d'Albuquerque!

Foi cavaleiro até ao último alento Aquêle, de quem se podia dizer também, como um cavaleiro escreveu:

*Um dia esmoreceste, tu, meu forte,
Doce poeta a quem a propria morte
Poppara enternecida a escravidão!*

Escrevêr sôbre a cavalaria!

O cavaleiro Alfredo Pedreira Martins de Lima em Africa, tendo carregado o inimigo, volta ao quadrado à frente dos seus homens, monóculo entalado na face queimada, luvas calçadas, os cavalos a passo resfolegando, os clarins fendendo os ares com a marcha de guerra estridente!

O tenente Francisco Aragão, numa carga a



Um aspecto da assistência à «Festa da Cavalaria» que sob a iniciativa do jornal «O Século» se efectuou no Campo de Corridas do Campo Grande

voam, para alcançar os grupos inimigos que por um momento, fazem meia volta e tentam fazer frente. Debalde! Num momento a cavalaria varre a planície e o inimigo dispersa, pulverisa-se, e põe o Limpopo entre si e os seus perseguidores.

Então Mousinho volta para o quadrado, a passo. Estava terminado o combate; estava assegurada a vitória; e, nesse momento, sem ordem, nem direcção, espontânea e sincera, a Alma portuguesa expandiu-se no mais estrondoso viva a Pátria! e viva Mousinho! que jamais souou em campos de batalha portugueses.

Com os chapéus nas bôcas das armas, e estas levantadas a tôda a altura para o céu, a coluna tôda repetiu:

— Viva Mousinho!

— Viva a Pátria!

Os peitos dilatam-se, os pulmões enchem-se de ar, e os olhos marejados de lágrimas, fitam êsse farrapo de sêda azul e branca — símbolo da pátria distante — que tremula e esvoaça numa agitação alegre, como que satisfeita por flutuar por cima de tanto coração sinceramente patriota, de tanto coração valente.

a seguir, os auxiliares entoando a famosa canção de guerra:

— Mimebam, minapanse comejab; mimebam!...

E depois, a coluna, silenciosa; cada soldado com o coração satisfeito, a consciência tranqüila pelo cumprimento do dever, uma faísca de comção nos olhos, ao fitar a bandeira que flutua por cima de tôdas as cabeças e que simboliza a Pátria distante.

E ao lado dela, a figura sêca, sombria, épica de Mousinho, hirtto na sela, a cabeça ligeiramente inclinada para a frente, o olhar fito no céu de oiro e púrpura como a prescrutar o futuro, êsse futuro tão prometedor de glória, que uma pequenina bala despedaçou!

Assim, foi a cavalaria através do Soldado Admirável!

!Escrevêr sôbre a cavalaria!...

Eu, que fui apagado capitão de cavalaria, mas que tenho pela que foi a minha querida profissão tanta paixão, que por ela todas as outras trocaria, dela não saberia escrever tanto, nem tão bem, como o fez no capítulo «Macontene»,

fundo, fica prisioneiro dos alemães, também na terra africana!

Monteiro Torres, tornado aviador, vai, azas quebradas, estilhaçadas, como aguiã altaneira mortalmente ferida, cair em França nas linhas alemãs!

Teófilo Duarte, simples tenente, entra sósi-nho no Quartel de marinheiros revoltado, que se lhe rende!

Albuquerque, no Pôrto, com êsse punhado de cavaleiros onde se destaca a bravura indomável e linda de Alfredo de Morais Sarmiento, atravessa a ponte de D. Luiz, debaixo dum chuveiro de balas!

É preciso mais?

Ser da cavalaria, não é montar a cavalo.

Pertencer à cavalaria é montar muito bem a cavalo, ter muita alma, um coração a não caber dentro do peito!

É assim a nossa cavalaria!

Vê, Álvaro de Andrade, que não era eu o indicado para sôbre ela escrever?

10 de Fevereiro de 1933.

Delfim Maya.

O «football» português enriqueceu-se em mais uma vitória internacional, suplantando no dia 29 de Janeiro, no Estádio do Lumiar, o grupo representativo da Hungria, por uma bola a zero.

Foi este jogo o 28.º da nossa «equipe» representativa, em doze anos de actividade, traduzidos por 10 vitórias, 4 empates e 14 derrotas, das quais sete contra a Espanha, o nosso adversário invulnerável. Marcámos um total de 37 bolas, sofrendo em resposta 51.

Os nossos maiores triunfos: 4-1 sobre a Itália e 4-0 sobre a França. As derrotas mais amargas: 5-0 da Espanha e 6-1 da Itália.

Este encontro com os húngaros foi o décimo disputado no Estádio de Lisboa, onde os jogadores portugueses há oito anos não são batidos. Neste campo perderam duas únicas vezes com a Espanha, em 1922 e 1925, empataram com a mesma Espanha em 1928 e com a Argentina; bateram sucessivamente a Itália, a França, a Checoslováquia, a Bélgica, a Jugoslávia e a Hungria.

No Pôrto vencemos a Itália e a França, empatámos com os checos e fomos batidos pelos espanhóis e italianos. Fora do país alcançámos duas únicas vitórias; em Amsterdão, no torneio olímpico de 1928, à custa do Chile e da Jugoslávia, e também um empate em Paris, com a selecção francesa.

Os nossos antagonistas de agora já em 1926 nos haviam visitado, realizando um encontro no Pôrto que terminou igualado a três bolas. Este jogo, porém, nunca foi considerado oficial pela Federação Hungara, parecendo que a pessoa que em seu nome o negociara, abusou de uma autoridade que não tinha, impingindo como grupo nacional aquilo que era apenas uma «equipe» de clube. A entidade dirigente portuguesa lutou alguns anos pela homologação deste encontro, mas em vão, motivo porque ao presente não figura nas tabelas internacionais.

A vitória que os jogadores portugueses agora obtiveram tem uma importância que deve ser posta em relevo e seguramente contribuirá para elevar o conceito em que é tido além fronteiras o football nacional. Os húngaros têm a sua reputação feita, são considerados como uma das melhores escolas da Europa continental, sendo daqueles adversários sobre os quais uma vitória causa sempre sensação.

Esperemos que os seleccionados portugueses sintam o estímulo do sucesso que conseguiram e preparem cuidadosa e entusiasticamente a sua próxima saída, contra o onze vizinho, em Vigo. Um resultado honroso ser-nos-ia utilíssimo, impondo-nos como um valor afirmado e abrindo-nos as portas das competições



Uma bela defesa de Roquete

desportos

O ENCONTRO PORTUGAL-HUNGRIA

internacionais. Estamos a um ano do campeonato mundial, de que seguramente participaremos, e para onde precisamos ir com a serenidade e a confiança dos fortes, dispostos a repetir as façanhas gloriosas de Amsterdão que tanto serviram no estrangeiro a propaganda de Portugal.

Ainda dentro do mesmo campo de propaganda nacional merece ser apontada em destaque a projectada «Semana Portuguesa em Vigo» e a inclusão no seu programa de algumas manifestações de ordem desportiva.

Proporciona-se assim aos desportos menos favorecidos uma excelente ocasião de contacto internacional, vantajosa como incentivo e utilíssima como demonstração do seu verdadeiro valor.

O desporto servirá uma vez mais de embaixador português mas, como em qualquer missão diplomática, o êxito está directamente ligado à categoria da personalidade escolhida.

É portanto indispensável o maior escrupulo na elaboração do programa desportivo, de forma a garantir uma representação condigna e que sirva eficazmente a propaganda do meio nacional. Estamos certos que os organizadores procurarão em Portugal quem colabore desassombadamente na iniciativa, atendendo apenas à classe dos preferidos sem preocupações de amizade ou compromissos técnicos.

Levando em linha de conta as características necessariamente espectaculares das manifestações ligadas à «Semana Portuguesa de Vigo», cujos fins procuram atingir a alma popular espalhando em larga escala o apreço, o conhecimento de todos os ramos da actividade industrial, agrícola, intelectual e física do nosso país, as modalidades desportivas aproveitáveis não podem estar fóra do âmbito do atletismo, da natação, do ciclismo e da vela.

Quaisquer outras pretensões, embora possam redundar em vitórias das nossas cores, terão como único significado a afirmação de uma superioridade relativa sobre um adversário de nula classe, mas desvestida do necessário aparato de valor absoluto. Em Vigo, aos desportistas portugueses, não importa só vencer: é indispensável demonstrar uma classe técnica, um nível internacional que rompa novos horizontes ao campo da actividade nacional.

Obedecendo a este critério, que se apresenta indiscutível, a colaboração do desporto na Semana Portuguesa será de grande utilidade para a nação e permitirá que muitos dos que hoje desconhecem a causa da educação física, avaliem a sua importância e a olhem de futuro com um pouco mais de carinho e consideração.

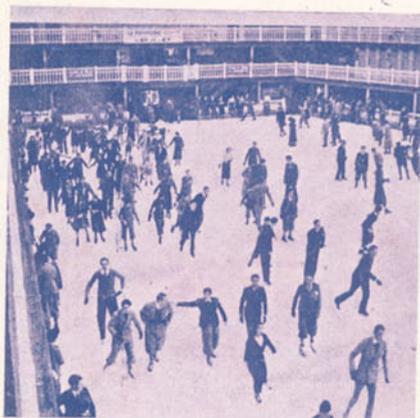
* * *

Um avião tri-motor francês, de tipo comercial, o «Arco Iris», acaba de realizar um vôo notável atravessando o Atlântico Sul, de S. Luís do Senegal ao Natal na média horária de 250 quilómetros. Levava a bordo seis passageiros.

Esta tentativa



O grupo português que bateu a Hungria por uma bola a zero



Na piscina Molitor, nada-se no verão e patina-se no inverno

arrojada, a que a imprensa francesa liga uma importância que nos parece exagerada, equivale à possibilidade assombrosa de cobrir o trajecto Europa-Brasil em menos de quarenta horas. Note-se que esta possibilidade teórica está ainda longe de praticamente realizável, pois na verdade o percurso de Toulouse a Buenos Aires foi feito em dez dias, o que reduz a velocidade comercial útil a cinquenta quilómetros por hora.

O avião, excessivamente carregado por metro quadrado de superfície de sustentação, teve dificuldades em descolar nalguns pontos, apesar de dispôr de uma força motriz superior a 2 000 c. v.

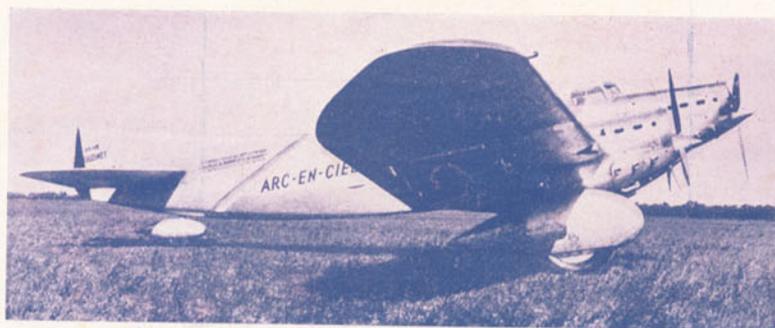
Procurando demonstrar a regularidade das suas capacidades, o «Arco-Iris» vai intentar a viagem de regresso pelos ares, lançando as bases de uma organização de transportes aéreos transoceânicos, em competência com o dirigível alemão «Graf-Zeppelin».

Tôda a França sofreu durante os dias finais de Janeiro uma intensa vaga de frio que fez o regalo dos patinadores e praticantes dos desportos de inverno. Os lagos gelaram e, na região parisiense patinou-se em tôda a parte: nos lagos do Bosque de Bolonha, em Vincen-

nes e em Versailles o número de praticantes foi extraordinário. O sucesso popular dêste desporto trouxe como natural consequência, a instalação de recintos artificiais para patinagem em todos os locais onde se anteviu a possibilidade de uma exploração comercial.

O «court» central do Estádio Roland Garros, cenário das mais célebres lutas do «tennis» internacional, onde há quatro anos é decidida a posse da afamada Taça Davis, foi rapidamente transformado em pista de gelo; a formosa piscina Molitor, à entrada do Bosque, teve igual destino e, cúmulo dos cúmulo, a superfície relvada do campo de «football» do Parc des Princes, transformou-se em geleira pela vontade dos homens. Servindo-se de longas mangueiras, os organizadores foram espalhando sobre o chão delgadas camadas de água que ao frio intensíssimo da atmosfera sucessivamente iam regelando conseguindo assim uma camada de espessura suficiente para que sobre ela se pudesse patinar e jogar o «hockey». Infelizmente todo êste trabalho estava perdido vinte e quatro horas mais tarde, porque a temperatura subiu e o gelo derreteu-se.

A Federação Americana de Atletismo de-



O trimotor «Arco-Iris» que realizou com grande êxito a travessia aérea do Atlântico Sul

clarou profissional a célebre Didrikson, vencedora de duas provas olímpicas em Los Angeles, porque a sua fotografia foi utilizada para efeitos de reclamo por uma marca de automóveis. A atleta protestou da sua inocência, alegando que nunca havia dado o seu consentimento, mas os federativos nada quiseram ouvir e pronunciaram a imediata desclassificação embora abrissem um inquérito para apuramento definitivo da verdade.

O curioso do caso foi que estas averigua-



O tennis do «Estadio Garros», onde se jogavam os encontros da Taça Davis, também serve de patinagem

ções demonstraram a nenhuma culpabilidade da arguida, absolutamente estranha à publicidade sobre o seu nome. Os senhores dirigentes deram o dito por não dito, mas Babe Didrikson declarou que não estava pelo ajuste e, já que a haviam qualificado como profissional, punha definitivamente de lado a pureza do amadorismo e consagraria de futuro a sua actividade ao aproveitamento da situação criada.

A história tem servido para severos comentários ao critério dos dirigentes da Federação que, em vez de considerarem amadores todos os seus atletas até prova de profissionalismo, os empurram para esta categoria até que eles demonstrem ser amadores. Como os leitores vêem é exactamente o contrário daquilo que aconselharia a lógica.

Êste acontecimento sugere-nos a hipótese do que se passaria em Portugal, se

as federações se preocupassem com factos idênticos.

No nosso país aproveitam-se os nomes e a popularidade dos azes do desporto para tôda a espécie de reclamos, desde as boinas aos produtos alimentares, englobando muita vez os próprios dirigentes. Felizmente vivemos numa terra de boa fé e tudo se passa na melhor camaradagem, sem os rigorismos dos americanos.

Salazar Carreira.



O campo de football do «Parc des Princes» transformado em pista gelada

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

Franceses e americanos

Alamentável questão das dívidas de guerra e as recentes perturbações que ela veio suscitar nas relações da França com os Estados Unidos, têm sido motivo de fortes preocupações para alguns grandes industriais da América do Norte que se encontram ligados por contratos a artistas franceses.

O caso, que se resume por ora em pouco, pode no futuro assumir certa gravidade. Trata-se do seguinte: Em virtude das dissensões entre os dois países e da recusa da França em pagar a prestação da dívida já vencida, criou-se nos Estados Unidos uma opinião pública desfavorável à França e, por reflexo, aos artistas franceses.

Esse estado de espírito do público se bem que não se tenha assinalado por enquanto de forma violenta não é por isso menos sensível. Assim, a «Fox» desistiu já de realizar uma versão americana do célebre filme de guerra francês «Cruzes de Madeira» cujos direitos havia já adquirido.

Graves apreensões inspira também o filme que Chevalier actualmente realiza e mais ainda o acolhimento que irá ser feito a Henri Gval, que deve chegar muito breve a Hollywood.

Na Europa, os povos sabem muitas vezes pôr os seus divertimentos e a arte acima das suas questões políticas e económicas. Não há muito ainda que uma revista francesa salientava que, quando era mais acesa a luta diplomática entre o Quai d'Orsay e o Reich, Lilian Harvey era festejada em Paris e Albert Prejan aclamado em Berlim.

Mas na América o caso muda de figura. Principalmente, porque se trata de questões de dinheiro...

Um latino pode ser um artista ao passo que um yankee é sempre um comerciante. E a psicologia dum povo é a resultante das características que dominam os indivíduos que o compõem. — M. R.

Como em tempo noticiámos, o grande actor inglês George Arliss manifestara desejos de interpretar para o cinema a figura admirável e complexa de Voltaire, glória da literatura francesa. O argumento do filme em que George Arliss realizará esse difícil trabalho de composição encontra-se já terminado e a sua filmagem começará em breve.

Depois de Voltaire, George Arliss pensa criar no cinema outras figuras célebres da história e da lenda, entre as quais se conta Cagliostro.

Mais uma originalidade norte-americana:

Depois do filme pôsto em cena por nove realizadores, vai fazer-se o filme escrito por dez autores.

Este filme que já tem o título de *A Mulher Acusada* será realizado sobre um argumento em que colaboram dez dos principais escritores do genero, em serviço nos estúdios americanos entre os quais se conta Vicki Baum, a célebre autora de *Grande Hotel*.

O mais curioso é que todos esses escritores figurarão no filme a par dos interpretes que são Nancy Carroll, Gary Grant e outros.

Está sendo filmado, sob a direcção de Raymond Bernard, o célebre romance de Vitor Hugo *Os Miseráveis*.

Dada a alta competência artística de Raymond Bernard, é de prever que esta nova versão cinematográfica do popular romance constitua uma obra digna de todo o interesse. Mas há um pormenor que mais aguça a nossa curiosidade e é o seguinte:

Há no romance uma personagem chamado Marius, que na opinião de quasi todos os biógra-



Uma tentadora boneca para adultos — a graciosa Mary Carlisle

fos de Vitor Hugo, é um retrato literário do grande escritor que pretendeu assim incluir-se entre os heróis da sua obra. O actor que vai interpretar esse papel dará todo o relevo possível a essa circunstância, de modo a obter no *écra*n uma composição perfeita da figura do poeta genial.

Maurice Chevalier trabalha agora num novo filme que tem em inglês o título de *Bed Time Story*.

Este filme sai um pouco fóra dos limites das

suas obras anteriores. Assim, sem deixar de se, o Don Juan irresistível que sempre tem sido Chevalier acaba neste filme por preferir um bebé que adoptou a todas as mulheres que insistem em adorá-lo.

Vamos a ver como o público feminino accita esta imprevisível decisão do seu galã favorito.

A televisão não é já hoje uma longínqua fantasia. O progresso rápido dos ciências permite supôr que a sua exploração em larga escala será praticável num futuro breve e na América acredita-se geralmente que o seu aparecimento será súbito, à semelhança do que sucedeu com o cinema sonoro.

Por isto mesmo, alguns contratos a longo prazo entre artistas e empresas cinematográficas norte americanas incluem já clausulas em que a prestação de serviços para telecinema ou televisão se encontra prevista.

Os grandes cinemas de Broadway vão permitir, pela primeira vez, que se fume dentro das suas espaçosas e arejadas salas de espectáculo. Pretendem, com isto, claro está, aumentar a sua frequência com o importante número daqueles que não suportam o suplício de estar privados de fumar.

Duas expedições, partiram já de Londres com destino ao norte da Índia onde vão empreender uma por terra outra pelo ar, a escalada do mais alto cume do globo — o Monte Everest.

Como não podia deixar de ser acompanham os audaciosos exploradores, dois operadores da Gaumont British munidos de material técnico especial que contam realizar um importante documentário sobre essas regiões que nenhum ser vivo pisou até hoje.

Os espirituosos cómicos Laurel e Hardy vão aparecer num dos seus proximos filmes ao lado do grande cantor Dennis King, que vimos em *O Rei vagabundo*. O filme terá a forma duma ópera cómica em que a graça de Laurel e Hardy rivalizará com a arte de Dennis King.

Não cessou ainda a violenta emoção provocada pela notícia de que os serviços de emigração dos Estados Unidos estavam estudando o problema dos artistas estrangeiros, sendo sua intenção impôr a saída a grande número deles.

Em todo o caso, continua a afigurar-se pouco provável que sejam adoptadas medidas de tão grande rigor, tanto mais que elas trariam graves prejuizos a um ramo importante da exportação americana que é o dos filmes.

Clive Brook, o mais inglês dos actores de Hollywood, vem a caminho da Europa, devendo interpretar um filme em Inglaterra por cuja cinematografia tem manifestado sempre, como bom patriota, um grande interesse.

Lionel Barrymore, que, além de actor, é também um desenhador de merecimento, abriu ha pouco em Nova York uma exposição de desenhos seus, que tem obtido louvores e que encerra alguns trabalhos de grande merecimento.



Will Rogers, o admirável comediante americano, dava-nos, nessa bela sátira dos costumes americanos que se chama «Tio Sam na corte do rei Artur», a seguinte e curiosa definição:

«Publicidade é a arte de nos obrigar a comprar o que não precisamos com o dinheiro que não temos».

Nesta frase, animada dum desconcertante ironia ao gosto yankee, está fixada a própria essência deste singular produto do nosso século.

Fazer publicidade é impor à massa anónima do público um produto, uma ideia, uma opinião. É criar-lhe uma necessidade, convencê-lo de que alguma coisa lhe falta para ser feliz; e, ao mesmo tempo, mostrar-lhe a forma de satisfazer essa necessidade, apontar-lhe o meio de completar a sua felicidade lusória.

A publicidade é um fenómeno económico da nossa época. Mas a sua origem é nitidamente americana. Foi nos Estados Unidos que ela surgiu e se desenvolveu e daí irradiou para todo o Mundo, caminhando sempre a par do progresso, como atributo indispensável da intensa civilização material em que vivemos.

Cinema e publicidade desenvolveram-se sempre paralelamente na grande república da América setentrional. Colaboraram entre si, completando-se e aumentando as possibilidades de cada um.

É fóra de dúvida que o cinema contém por si só — como maravilhoso invento que permite realizar todas as fantasias da imaginação — interesse bastante para lhe assegurar a predilecção das multidões. Mas o seu desenvolvimento foi acelerado e, sobretudo, modificado pelo uso intenso dum publicidade enorme. Não se trata agora de apreciar se essa acção foi benéfica ou nefasta. Queremos apenas pôr em evidência quanto essas duas criações da nossa época, que são o cinema e a publicidade, se encontram ligadas entre si e o modo profundo como esta última tem influenciado a evolução da primeira.

No nosso meio, a publicidade reveste quasi sempre um aspecto moderado, o único compatível com a

Francis Dee exibe este original pintado em «O Sítio da Cruz».

Norma Shearer, a actriz que mais deve a publicidade o seu triunfo.

sensibilidade exigente do povo latino. Mas na América o seu carácter é diverso. Assume a forma dum gesto violento, dum imposição obscediante. O seu poder é imenso. Nada escapa à sua acção avassaladora e tudo é possível nos dilatados limites dos seus recursos.

Foi a publicidade que gerou a «estrela», sem ela não seria possível impôr uma criatura humana à admiração fanática de milhares, por vezes de milhões de indivíduos. Mas para o conseguir de quantos processos imprevisíveis, de quantos meios absurdos ela lança mão!

É que a poderosa organização da publicidade dispõe de outros meios além dos de sua natureza directa, como os milhares de réclamas luminosas que transformam o céu tranquilo dum grande capital em inferno de luzes que se acendem e apagam, que serpenteiam no fundo escuro da noite, que surgem insistentes, obstinadas, de todos os pontos do espaço, martelando um nome ou uma marca. Há também uma publicidade feita de imaginação, que se dirige ao espírito do público, que comanda os seus pensamentos, as suas predilecções.

A história do cinema, sobretudo do cinema americano, está ligada, de modo indissolúvel, a esse género de publicidade. Ele interveio sempre na criação dum «estrela», na consagração dum realizador, na apoteose dum filme ou dum talvez o mais frásante, de quanto pôde a publicidade é o que nos oferece Greta Garbo. Sem dúvida que esta «estrela», célebre entre as mais célebres, possui algumas faculdades de artista que bastariam para a impôr a nossa incondicional admiração. Mas quando há alguns anos partiu da Europa com destino à América, Greta Garbo não conhecia ainda uma sombra das admirações apaixonadas que mais tarde conquistou. Não tinha nada de misteriosa nem de esfingica. Era apenas uma rapariga suca dotada de rara intuição artística. Foi a publicidade que tecou em volta da sua figura páida e sonhadora a aureola de mistério que fascina as multidões, por natureza facilmente impressionáveis.

Mas o número de casos idênticos é enorme. Para criar uma «estrela» a publicidade usa sempre os mesmos processos. Apossa-se da sua personalidade; troca-lhe o nome para que, à semelhança dum marca comercial, o público a possa reter fá-

mente; atribui-lhe um passado imaginário, espécie de lenda donde ela emerge envolto em maravilhoso; exhibe os seus sentimentos a essência mais íntima do seu ser, como curiosidades de feira. E é isto que cimenta o pedestal sobre que se há de erguer a sua glória.

Entre estes processos há um, revoltante talvez, mas elucidativo. É o que diz respeito ao amor entre os artistas cinematográficos. O que há de verdadeiro, de sincero e elevado, nesses casamentos que se fazem e desfazem, nessas paixões apregoadas pelos ecos possantes dum publicidade bem dirigida?

Está na memória de todos os que, por curiosidade ou hábito, seguem o movimento de quanto ao cinema se refere, a história das relações de Clara Bow com Harry Richman, cujo casamento a Imprensa anunciou diversas vezes para outras tantas desmentir. Pois há hoje razões de sobra para crer que foi a publicidade o feto único dessas relações sobre as quais tanto se escrevem e se disse. Possuidor dum fortuna avultada, Harry Richman era também, para satisfação de vaidade, actor de cinema e ambicionava uma coisa que o dinheiro por si só não dá — a celebridade. A sua infeliz paixão pela jovem Clara Bow, f. l., portanto, um expediente feliz de publicidade que fez concentrar sobre o seu nome quasi ignoradas atenções dum público vastíssimo. E não vá o leitor, condoído, lastimar a simpática Clara Bow, vítima aparente desta maquinação. Não é verosímil que a celebre «estrela» colaborasse inconscientemente na comédia, nem injurioso pensar que talvez tivesse obtido com ela apreciação lucrosa. Afirma-se que antes dela outras artistas famosas tinham recebido propostas para colaborar em idêntico romance, representado para a Imprensa e para o Mundo. E Harry Richman, senhor de avultadas riquezas não deixava por certo de recompensar, com generosidade, tais serviços.

A publicidade traz consigo essa força malfélica, que corrói os sentimentos mais nobres que não sabe respeitar o que há de superior no espírito dos próprios que ela ergue acima do



COMO SE FAZ A FABRICA DA CELEBRIDADE DOS ARTISTAS DE CINEMA

nível comum dos homens. Faz com os artistas essa transação diabólica de os transformar em ídolos em troca dum parte da alma.

Esta forma de publicidade só se compreende bem dentro da psicologia do povo americano. E de tal modo ela é avessa ao modo de pensar e sentir

de todas as outras raças que não é raro uma artista importada pela América revoltar-se, de princípio pelo menos, contra os seus violentos dogmas.

Quando Marlene Dietrich chegou à América todo o complicado maquinismo da publicidade estava a postos para desencadear uma gigantesca ofensiva. A grande actriz foi levada à presença dos grandes magnates da indústria e estes tentaram fazer-lhe compreender o que esperavam dela. Era necessário criar uma nova Greta Garbo. Para isso Marlene assumiria uma personalidade misteriosa, cheia de reticências. Passaria a ter dezotto anos apenas, a não ter marido nem filho. Mas, caso raro, Marlene opôs-se a esses projectos. Recusou viver numa mentira que não se conformava com o seu temperamento e que ela reputou humilhante para a sua dignidade de artista. E ante essa recusa foram os produtores que cederam. Marlene seria, para o povo americano, a intérprete admirável que tinha um lar, um passado banal, e um filho que adora.

Com a publicidade uma nova profissão surgiu — o «press-agente» a que podemos chamar em português o agente de propaganda.

As suas funções são variadas e a principal qualidade requerida é uma imaginação inesgotável. Um bom «press-agent» deve inventar os seus métodos de publicidade, tão originais quanto possível, e nunca recuar ante um golpe de audácia que sirva os seus fins.

Morreu há meses na América um dos mais célebres «press-agentes» que se chamam Harry Reichenbach e que teve em vida o lisonjeiro epíteto de «rei da publicidade». O número de «estrelas» que a sua imaginação fértil tornou célebres, é enorme. Entre elas contam-se Gloria Swanson, Bárbara La Marr, Rudolph Valentino, Charles Ray e outros. Os processos que usou



para o conseguir são tão surpreendentes como absurdos.

O seu falecimento trouxe a público muitos episódios da sua extraordinária carreira. Vale a pena contá-los, tanto pelo seu valor anedótico como pela luz que projectam sobre os processos da alta publicidade americana.

Uma das primeiras manifestações do especial talento de Reichenbach ocorreu quando ainda muito novo pretendeu salvar da ruína um pequeno restaurante, falho de clientes e de que os moradores do bairro pareciam esquecidos. A conselho de Reichenbach, o proprietário colocou bem em evidência na montra um enorme frasco cheio de água bem límpida, encimado por um letreiro onde se lia, em letras enormes: «Único exemplar existente na América do peixe invisível do Brasil».

Durante dias a multidão comprimiu-se diante da montra para ver a raridade. Alguns asseveravam tê-lo visto, enquanto milhares de olhos prescrutantes sondavam o líquido transparente. O resultado excedeu toda a expectativa. O peixe invisível tornou-se o assunto obrigatório de todas as conversas, de mistura, já se vê, com o nome do estabelecimento que o exhibia. E tudo isto se traduziu num enorme aumento de frequência ao restaurante.

Animado por este êxito, Reichenbach resolveu consagrar-se à publicidade. O seu primeiro trabalho foi fazer a propaganda dum reprodução em litografia dum quadro de Baschet intitulado «Manhã de Setembro». Para o conseguir, ocorreu-lhe reclamar em nome de diversas pessoas perante o presidente dum clube das muitas Ligas moralistas que abundam na puritana América, contra a exhibição do nu que no quadro se fazia.

Servindo, sem o saber, os interesses de Reichenbach, o referido presidente resolveu tomar conhecimento pessoal da questão para que se reclamava o seu zelo. Passando o pela montra do livreiro onde a litografia se exhibia, deparou-se com um grupo de garotos que comentavam com obscenidades o quadro. Escusado será dizer que estes garotos obedeciam às instruções de Reichenbach, e que o pobre presidente, aterrorado com o perigo moral para a infância que a cena lhe deixara entrever, correu à procura do editor e impôs-lhe que retraxesse da venda a litografia. Claro está que este recuso e em vista disso a Liga de moral moveu-lhe um

processo de que os jornais deram largos relatos. Os autores de revistas apropriaram-se do assunto e exploraram-no em todos os sentidos. Estava feita a maior publicidade que se poderia desejar. A América inteira quasi conheceu o objecto do litigio e em curto espaço de tempo venderam-se sete milhões de exemplares a um dólar.

Pouco depois Reichenbach estreou-se em publicidade cinematográfica fazendo a distribuição na Argentina dum filme interpretado pela grande Sarah-Bernhardt.

Tendo partido para Buenos Aires com esse propósito, lembrou-se Reichenbach de enviar um radiograma do alto-mar para essa capital anunciando que ia a bordo a famosa Sarah-Bernhardt. Ao desembarcar verificou que, como ele esperava, toda a população de Buenos Aires se reünira no grande caos para saudar a grande actriz. E aos representantes da Imprensa que se lhe dirigiram explicou que houvera erro na transmissão do telegrama porque fora omitida a palavra filme. Era o filme de Sarah-Bernhardt que ia viajar e não a artista.

Mas os seus maiores sucessos registam-se no lançamento dos nomes célebres do cinema a que o seu talento deu brilho e fama. Duma vez ocupou-se em obter um contrato para Francis Bushman, o notável Messala de «Ben Hur». Bushman era nesse tempo quasi desconhecido. Reichenbach encheu os bolsos com duas mil pequenas moedas de cobre e acompanhado do artista dirigiu-se aos escritórios da «Metro». Pelo caminho foi espalhando panhados de moeda. Tanto bastou para que os seguisse um enorme grupo de garotos, nos quais se juntaram os curiosos que formavam já densa multidão quando os dois chegaram ao seu destino. Reichenbach pôde, assim, convencer os dirigentes da «Metro» de que lhes trazia um artista popularíssimo a quem a multidão seguia cheia de entusiasmo.

Com este singular agente de propaganda desapareceu uma das figuras mais representativas da publicidade americana. Outro lhe sucederá, decerto, no honroso lugar de rei da publicidade. Porque a publicidade é mal da nossa época para que se não conhecesse remedio.

Frederic March, grande actor do teatro e do cinema americanos.

Uma estrela que a publicidade está fazendo — Mary Castle.



ECOS DA REVOLUÇÃO — O sr. dr. Borges de Medeiros (o segundo da esquerda), ex-presidente do Rio Grande do Sul, político de reievo e um dos chefes revolucionários de S. Paulo, dirigindo-se para o vapor que o conduziu a cidade do Recife, onde o governo de Getúlio Vargas lhe fixou residência.

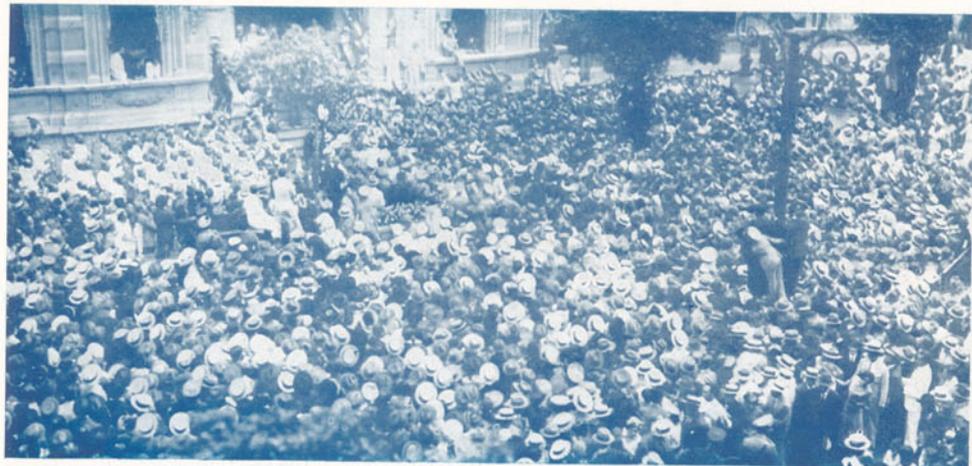
O QUE VAE



A NEUTRALIDADE BRASILEIRA — O general Almerio Moura, comandante da expedição militar que o governo de Getúlio Vargas enviou para Tabatinga, no alto Amazonas, limite da Colômbia com o Peru. O objectivo da missão é manter, naquela região, a neutralidade brasileira.



O BRASIL E HOLLYWOOD — O jornal «A Noite» e o semanário «A Noite Ilustrada» promoveram uma recepção entusiástica ao actor hollywoodense Paul Foulton, que regressou de Hollywood ao Rio de Janeiro em avião. A fotografia da esquerda mostra o artista abraçado a um fã ao chegar a capital carioca e à direita a recepção que lhe fez o povo brasileiro.



Aspecto da multidão, que rodeava o hotel, onde se hospedou o artista cinematográfico Paul Foulton, que foi alvo duma calorosa e entusiástica manifestação.

PELO BRASIL



O TRANSITO NO RIO — Para que os prées saibam por onde andar, a policia do Rio de Janeiro fez pintar, nas ruas mais concorridas, faixas brancas indicando o caminho que devem seguir. É uma maneira de educar o pedão, obrigando a saber onde pode atravessar, sem perigo dos automóveis.



NOVO MINISTRO — O major Jauret de Tavora — disseram os jornais que era descendente dos Tavoras — que tomou parte activa ao lado das forças do governo, contra os revolucionários de S. Paulo, foi nomeado o mês passado ministro da Agricultura. Ele-o a assinar o termo de posse.



SEIS MESES NO MAR — Chegaram ao Rio de Janeiro, vindo do Rio Grande do Sul, dois marinheiros, que viajaram num pequeno barco. Levaram seis meses na viagem, depois duma travessia perigosa. Um redactor de «A Noite» — como se vê na foto — foi a bordo entrevistá-los. A direita vêem-se os dois marinheiros descansando na praia onde desembarcaram.



MINISTÉRIO DO TRABALHO — Foi aprovado o projecto, que publicamos, para o novo edificio do Ministério do Trabalho. As obras começarão em breve, para o que já foi volada a verba necessária. É uma obra gigantesca.



NO «SOWBES-JONTEIN» — O sr. dr. Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório, fez uma visita ao nario-escola Gotandó «Sowbes-Jonntem», onde foi recebido pela officialidade, tendo-se trocado affectuosos brêdes.

SOLILÓQUIOS E COMENTÁRIOS

ACABO de ler de um fôlego o 4.º volume do *Diário de João Chagas*. Um grande amor incompreendido pela terra portuguesa. Um grande desdem, um profundo ódio pelos seus homens. Lama, poeira, injustiças, ternura, rancores...

JOÃO Chagas fala da parada do Campo Pequeno que salvou a República da traição do Monsanto. Mas não sabe quem



poz a idéia em marcha e lhe deu realização: foram Manuel Guimarães e André Brun. A êste especialmente se deve muito do entusiasmo e tudo do resultado. Passou por humorista êste Brun sentimental que morreu em virtude dos gases, como um destrôco da guerra. Esqueceu. Um dia se lhe fará justiça.

Pois só por causa desses dias trágicos, ele merecia bem o nome numa rua.

JOÃO Chagas foi incontestavelmente um jornalista. Eis o que ele pensa dos jornais: «Em tôda a parte há loucos; mas os loucos em Portugal têm direito de cidade. Os jornais dão tôdas as honras de publicidade à sua loucura, porque os jornais no nosso pobre país não são guias da opinião, mas bôcas de cano abertas, por onde passa em torrente, a caminho do entendimento público, tudo o que se regeita e se deita fóra numa sociedade inteligente.»

AINDA Chagas a pág. 593:

«...e não diríamos que Portugal se encontrava em Guerra Civil, se Machado Santos, que continua à solta, sem que a República ponha definitivamente um termo às suas loucuras, não tem apresentado um projecto de lei que o faria baixar imediatamente a um manicômio, se tantos outros documentos do mesmo género não o classificassem de há muito entre os mais desenfreados vesânicos que a Revolução de 5 de outubro desencadeou na sociedade portuguesa.»

E lembrar-se a gente que se não fôsse

Machado Santos o tal «desenfreado vesânico», o tal digno «de manicômio», João Chagas não teria passado de um jornalista da oposição, pelintra vivendo dia a dia do magro caldo de qualquer diário frígido! Foi a loucura dêsse tal vesânico que na tal Revolução de 5 de Outubro desencadeou para todos o bodo em que João Chagas apanhou uma presidência do conselho e uma legação em Paris, etc. E com pasmo leio adiante: «Êste homem (é ainda Machado Santos) cujo papel na política portuguesa nunca foi definido, já há muito deveria ter sido despojado dos apanágios que a República lhe deu e reduzido à impotência.»

Pobre Machado Santos! A esta hora pensou êle em proclamar a República no céu e decerto o conseguiria se S. Pedro, que é um talassa acabado lhe não desse a ler a prosa do Chagas, recomendando-lhe ao mesmo tempo significativamente que já é tempo de ter juízo...

DIZIA-ME um, que a sabe tôda:

— Os amigos quando solicitados numa contingência amarga, não nos ouvem nem valem, não é porque não sejam nossos amigos, não é. É apenas para terem o ensejo de admirar o nosso talento se escapamos e lamentar a nossa infelicidade se sucumbimos...

UM homem que verberava um logro queixava-se da má fé de que fóra vítima. E expandia-se em latim: Ah! que *Fides punica!* Ao que outro o consolava: Então deixe lá. Em o apanhando a geito é dar-lhe uma sóva.

DE Hanns Gobsch publicou-se a tradução portuguesa da obra *Wahn — Europa — 1934 — A Loucura da Europa*. É uma profecia? É um aviso? É um livro bem feito que merece meditação. A guerra entre a Itália e a França enche de



escombros a Europa. E o conflicto subverte o velho mundo em fogo e sangue. Adivinham-se as carapuças. Antevê-se o futuro se não desarmar a teimosia dos homens.

«TEMPOS houve em que os demónios falavam e o mundo os ouvia; mas depois que se ouviu os políticos ainda é peor o mundo.» Parece que o Padre Vieira, a quem pertence o trecho, acabara de ler o livro de Gobsch e fazia o seu comentário,

NA Persia havia castigos para a ingratitude. Era tolo isto. Os castigos deviam ser todos para os confiados.

Por terem feito bem aos ingratos.

DIZ o Livro dos Persas: «Há três cousas que nunca se obtêm por meio de outras três: riqueza por desejos; mocidade por arrebiques; saúde por medicamentos.» Foi daqui talvez que o nosso Marcelino ideou aquela tirada grandiloqua do *Regente*:

«Há três cousas que um cavaleiro português não pode ver sem abalo: «um castigo de Deus, a lamina duma espada e as lágrimas duma mulher.» Por onde é o caminho?

PROPULSORA do progresso a necessidade. Dela dizem os

clássicos unanimemente. «A necessidade inventora e mestra de todas as cousas» (Diogo Fernandes Ferreira). «A necessidade faz os homens espertos» (Jorge Ferreira de Vasconcelos). «A necessidade é grande mestra em artes» (José Agostinho). Mas diz ali um, que a tem experimentado, que melhor é não a ter, porque se vae o tempo todo em saber como se há-de sair dela.

DIZ o nosso Padre Vieira:

«Porque os homens no sexo saem aos pais e na inconstância às mãis...» É. E as mulheres no sexo saem às sogras, e na inconstância às mãis.

○ Amor é doença que se não pega, e de que ninguem morre, dizes tu por ironia. Não acredito. Não vem é certo nas certidões de obito, mas não queiras tu ter às costas, os crimes que êle tem praticado.

Albino Forjaz de Sampaio.

OS PORTUGUESES E ANGOLA

Levanta-se o pó de impérios mortos!

ESTA colónia de Angola, em trato com Portugal desde a última metade do século XV, é ainda para os portugueses um país de misteriosas revelações pelo passado, um enigma pelo futuro. A sua história, anterior à ocupação portuguesa, não atraiu ainda investigadores pacientes. A quando da chegada da cruzada que Diogo Cans capitaneava, ao Congo, na foz do Zaire, em 1484, segundo o padrão do Jaire e João de Parros, em 1485 segundo o padrão do Cabo Negro e Rui de Pina, Angola era apenas o reino dos Quibundos, bárbaras gentes feudatárias desse vastíssimo império do Manicongo, poderosa organização política e formidável força guerreira que, num sistema absolutamente feudal, agremiava monarquias que eram elas mesmas agremiações de feudos e senhorios.

O rei do Congo, imperador do Manicongo, como lhe chamam os velhos cronistas, foi um monarca autêntico, magestade de direito divino, autocrata, poderosa, acatada e venerada por milhões de súbditos, negra, nua e selvagem, mas magestade *tout de même*; sucessor hereditário, como em sucessão hereditária passavam as monarquias e senhorios do seu império; todavia, havendo entre os pretos a grande preocupação da pureza do sangue dos reis, do pedigree real, a sucessão fazia-se pelos filhos das irmãs do rei, incontestáveis rebentos de tronco sagrado. Entre os brancos, o acatamento sorna de preceitos consultudinários a fórmula da lei romana «pater est» etc..., fazem considerar reis de direito divino os filhos de Carlota Joaquina; os pretos, porém, não são acessíveis a metafísica e regulam-se por objectividades...

Os cronistas de quinhentos, que tanto contaram de nós na epopeia de África, pouco historiaram na vida social e política, costumes e crenças, afectos e ideas, dos povos que encontrávamos. E é grande perca e grande pena essa loucura irremediável, e maior pena ainda é que invalidassem mesmo o que contaram, com alterações tendenciosas, incríveis de inverossimilhança, como quando apresentam o rei do Congo, D. Afonso I, vivendo preocupado de coisas do céu e salvação da alma, quasi santificado, quasi

dado como exemplo de perfeito cristão! Damião de Goes transcreve parte duma carta do vigário geral do Congo, D. Rui de Aguiar, para el-rei D. Manuel, espantosa de piedosíssima baboseira:

«Este rei D. Afonso não traz o sentido senão em Nosso Senhor... Saberá V. A. que de sua cristandade me parece a mim que não é homem mas é anjo... Certifico a V. A. que ele nos ensina e sabe melhor os profetas, os evangelhos e vidas de santos e todas as coisas da Santa Igreja do que nós sabemos... Diz coisas tão certas que parece fala sempre o Espírito Santo nele», etc.!!

Não é possível crer nesta absorção do cristianismo por um selvagem, e a dúvida sobre este ponto acarreta a dúvida sobre os outros, como é regra de hermenêutica. E lastimo sinceramente que as crónicas não conservassem os rudes e verdadeiros testemunhos e observações dos marinheiros e homens de armas que andaram por essas várias e desvaídas gentes. Ignoramos inteiramente, ainda hoje, a verdadeira consistência social e política desses impérios. Que facilidade, que razão os uniu, raça, língua, condições geográficas ou etnográficas, de feza, conquista, economia ou religião? E quais as instituições sociais, relações de família, senso moral, grau de civilização, etc.? São interrogações a avolumar o grande mistério africano, mistério sem antiguidade quasi à vista dos nossos olhos e quasi passado nos nossos dias.

O primeiro contacto dos portugueses com a Africa descoberta, mostrou a existência de três potentes impérios africanos, que se esboçaram sem deixar vestígios de terem sido uma força civilizadora: o império do Congo (que abrangia dois terços do actual Congo Belga e mais de metade da Angola actual), na região do Zaire, o império dos Vátuas na região do Zambeze, o império dos Moluas na região dos Lagos. Uma identidade ligava esses três impérios, serem étnicamente compostos

de povos de raça «bantu», como de povos «bantus» vinham os terríveis «jagas», cuja invasão, em 1570, desfez o império do Congo nos mil retalhos dum manto real despedaçado por feras.

E quem vê actualmente estas populações pretas, temerosas e pacíficas, não suspeita que poucos séculos antes, poucos anos volvidos no império Vátua, (com o temível Gungunhana), elles tinham reis que erguiam em pé de guerra centenas de milhares de homens, que queriam tratar de igual para igual com os reis portugueses, que bebiam por crâneos humanos, servidos por milhares de escravos, que foram respeitados, reverenciados e temidos, porque eram poderosos e inteligentes.

Como nasceu e como se quebrou esse impulso que parecia levar os pretos até à civilização? Essa inteligência dirigente e criadora quem a detem hoje na sua raça?

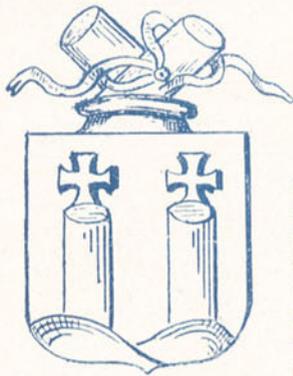
Há poucos meses vi eu, na Feira de Amstras de Luanda (vi como turista, não estava em vitrine de exposição) o actual rei do Congo. É um rei sem trono, com funções de regedor de freguesia. Reside na parte do Congo que forma um distrito da nossa colónia de Angola. É um regulosito sem prestígio nem poder, balofo, de olhar imbecil, usando por tradição um titulo real vasio de realidade. Trazia um chapéu de embaixador, bicorne, e a rainha uma coroa de latão branco; eram lamentáveis como uma palhaçada pobre! E eu tive pena de os ver, de que aquelas figuras, que mancharam os meus olhos, manchassem também as imagens magníficas de grandeza selvagem que as palavras «rei do Congo» evocavam na minha imaginação!

Há quem goste de discorrer sobre as sequências dum determinado facto histórico, que não chegou a realizar-se e apenas se esboçou; por exemplo, qual seria hoje a posição de Portugal se D. Sebastião tivesse casado com Margarida de Valois e se após Alcácer Kibir houvesse para o trono português um sucessor directo? A influencia francesa substituindo a espanhola. Tanger e Bom-

baim, dados em dote a uma princesa de Bragança, seriam ainda nossos, ter nos iam ficado grandes retalhos do sonho português da Índia, etc., etc. E mesmo para o mundo, que influencia teria o nascimento

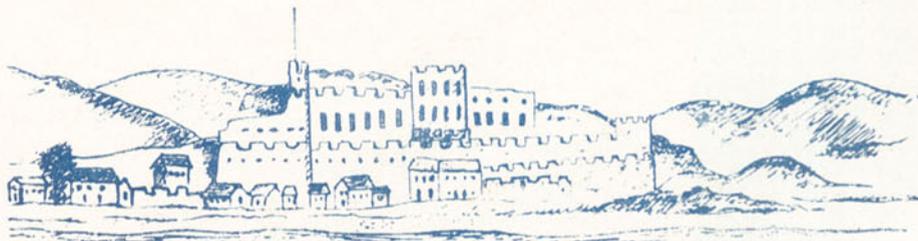


O padrão de S. Martinho



O escudo de Diogo Cão

«Em campo verde dous penhascos, e em cada um sua coluna ou padrão de prata levantados ao alto, sobre cada um destes uma cruz azul. Timbre: duas colunas em aspa atadas com um torçal verde»



Fortaleza de S. Jorge da Mina

dêsse filho de rei, que não nasceu? Se não fôra a ocupação espanhola, absorvendo as energias portuguesas nos projectos dos reis de Espanha e causando o esfecelamento da nossa marinha e poderio ultramarino, ter-se-iam criado em Inglaterra a grande Companhia das Índias, factor máximo da prosperidade inglesa, e na Holanda as Companhias das Índias Ocidentais e das Índias Orientais? Quem pode prevêr onde conduziria a raça preta a energia inteligente que a animava ainda no século XVIII? Constatado como é, estatisticamente, que a visinhança dos brancos faz definhar os núcleos populacionais de pretos, poderá fazer-se um cálculo dos revezes que nós lançamos sobre esta raça? Alcançariam os pretos influir na civilização, encaminha-la para outro rumo, invadindo por exemplo o norte de Africa, onda negra espraiaando pelas férteis terras de Marrocos, Argélia e Egipto, conduzida e galvanizada pelos seus grandes chefes guerreiros, absorvendo os povos islamitas africanos, ou por êles absorvidos e dando ao Islam incalculáveis extensões de poderio?

Podem levar-se ao infinito as divagações sobre casos da História quando não acontecidos. Mas é certo e inofismável que os brancos encontraram em Africa uma raça valorosa que defrontava a sua, e fizeram dessa raça aquilo a que se chama hoje — a mão de obra indígena.

Após a invasão dos «jagas» em 1570 o imperio do Congo ficou reduzido a um reino de poder identico a daquêles que se formaram dos seus destroços. E como foi com o auxilio dos portugueses, numa expedição comandada pelo capitão-mór Francisco de Gouveia, que os «jagas» fôram batidos e o reino conservado, o rei do Congo, por necessitar de defesa, fez-se feudatario de Portugal. Quatro anos depois parte de Lisboa uma armada comandada por Paulo Dias de Novais para conquistar Angola, antigo reino feudatario do Congo, tornado independente, com a dinastia dos Angola Bandi, que deram o nome à colonia. Desembarcaram na ilha de Luanda, estreita facha de areia fronteira à baía, onde já viviam quarenta comerciantes portugueses; meses depois passaram ao continente, fortificando-se no morro em que hoje assenta a fortaleza de S. Miguel.

Reinava D. Sebastião. Era em 23 de outubro de 1574. Desaparecia o interesse pelo Congo. Surge nova politica colonial. Angola principia. E principia por se chamar Sibaste...

Durou quatorze anos o governo de Paulo Dias de Novais, sempre em ininterrupta luta, vencendo em sucessivas batalhas o rei de Angola e varios sobas coligados, sem receber auxilios de Portugal, onde se chorava Alcácer Kibir, reinava o Cardeal D. Henrique e depois Filipe II de Espanha.

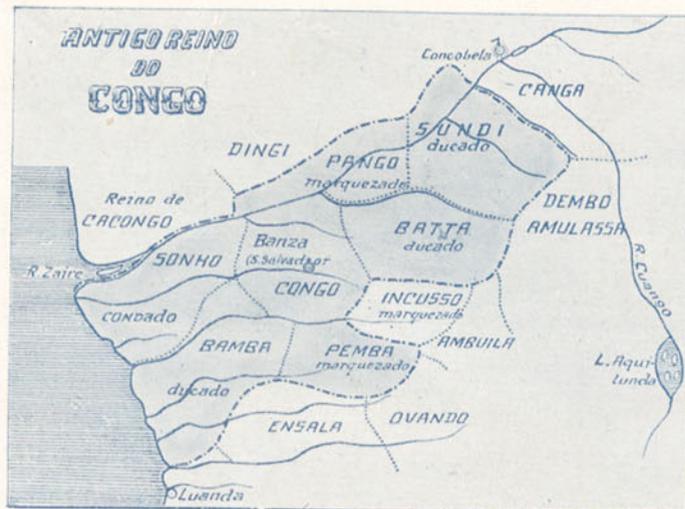


Diogo Cão

Logo ao nascer Angola foi como um filho bastardo, abandonada a mãos de extranhos; em 1579, cinco anos após o desembarque, é o pai de Paulo Dias de Novais quem salva a colonia pelo cuidado da gloria do filho, pagando e equipando primeiro 400 homens, depois 200, que enviou para Luanda!

E se as colonias se não perderam, nos sessenta anos de dependencia espanhola, foi porque os Filipes respeitaram o artigo 4.º das Declarações de Filipe II em Almeirim, que mandavam fôssem portugueses os governadores ultramarinos. Assim a influencia espanhola só se fez sentir nas nossas colonias pelo abandono a que foram votadas...

Avalie se o esforço dêsse semi deuses da conquista, em cinco exércitos do rei de Angola vencidos, quatro fortes construidos (Luanda, Calumbo, Massagano, Benguela a-Velha) batidos em varios recontros cinquenta régulos coligados, cinco batalhas dadas contra varios sobas, muitas conquistas e massacres, muitas expedições de reconhecimento, de castigo, de auxilio a sobas fieis, de procuras mineiras, etc., etc.



O reino do Congo abrangia dois terços do actual Congo Belga e mais de metade da Angola de hoje

O rei de Angola, da dinastia dos Angola-Bandi, tornara-se num poderoso cabo de guerra, orgulhoso e forte, tratando de igual para igual, com os portugueses. Durante umas dúzias de anos foi o mais sério adversário dos nossos; e perdeu o trono e a vida porque, tendo um dêles, D. Inácio Airi, pedido um missionário para o converter e baptisar, o governador João Correia de Sousa julgando ser-lhe agradável, enviou-lhe um padre preto, missionário congolense; com o que se sentiu D. Inácio Airi tão ofendido que veio em pé de guerra contra nós, sendo desbaratado o seu grande exército; refugiou-se numa ilha do Quanza onde a irmã, D. Antónia de Sousa, a futura grande rainha Ginza, o envenenou, para se apossar do trono, onde foi o maior rei da sua dinastia.

Esta rainha Ginza, ainda em vida do irmão, tinha vindo a Luanda, como embaixatriz, pedindo paz. Maravillhou pela inteligência, pelo raciocínio, pela presença real.

Vendo que o governador não lhe dava cadeia e a deixava, na audiência, de pé, fez sinal a uma das escravas e sentou-se em cima dela...

Discorreu sobre a soberania do irmão, negando-se a reconhecê-lo como vassallo de Portugal, porque vassallo é quem é vencido e conquistado, e ali só havia príncipes soberanos falando de igual para igual, etc., etc. Foi tratada com grandes honras, baptisada, aprendeu a lêr e escrever, etc.

Depois de rainha, verdadeira rainha, magstade autêntica, casou catolicamente; deu os rudimentos duma civilização ao seu povo, chamando artifices e missionários brancos; e verdadeiro autocrata, senhor de vida e de morte, ouvia os preceitos cristãos fazendo tremar quem lhos ensinava.

Foi o mais incansável e perigoso adversário dentre todos os reis dêstes territórios.

Em guerras sucessivas poucas vezes foi batida, nunca esmagada e inteligente, organizava contra nós coligações.

Fazia-se servir por 300 donzelas.

Fazia-se amar dos seus cortesãos, e, como um pouco antes, no trono de Inglaterra a rainha Isabel, e um pouco depois, no da Austria, a imperatriz Maria Terêsa e, no da Rússia, a Grande Catarina, foi um sultão feminino, pródigo de amor pelos guerreiros esforçados da sua côrte bárbara.

Velha, converte-se verdadeiramente ao cristianismo.

Queima um talismán sagrado que a acompanhava sempre, um cofre de prata contendo as cinzas dos antepassados; ordena a queima de todos os idolos, e manda erguer, em Matamba, uma igreja católica, em 1670.

Foram estes, o Congo, Angola e a Ginza, os mais poderosos reinos que defrontaram os

portugueses nestas regiões. Imperadores e reis mortos, sem nada deixarem dos insipientes rudimentos de civilização que arduamente ergueram...

Há hoje em Africa uma imensa população preta, devastada de doenças, alcoolismo e epidemias, definhando sem directriz e sem ideal, carne negra sofredora e esforçada, que povoou e enriqueceu o império do Brasil e vive sem proveito no império colonial português!

Revolvendo este pó de impérios mortos, eu penso com um terror sagrado, na chama de vitalidade vinda de misteriosas origens, que ergue e anima pessoas, instituições e coisas, e se vai tão misteriosa como veio, parecendo provir da fonte mesma da vida, da vida que finda na morte!

VIDA FEMININA

apreciadas e se encontravam; a Lisboa moderna, que não tem a vida agitada das outras cidades civilizadas, diverte-se com os bailaricos pelintras com as camas enroladas, e sem educação



TEMOS o Carnaval à porta. É esta a época do ano em que o alfacinha se diverte. De dia e na rua os gracejos e as brincadeiras denunciam um povo na infância da civilização. À noite, nos teatros e bailes de máscaras, a violência dos combates e as atitudes, denotam que a camada mais alta se lembra ainda das Saturnais romanas. Na sociedade, à parte algumas festas interessantes nas legações e embaixadas e uma ou outra festa nas famílias da primeira sociedade, as festas são de um ridículo irrisório, pelo sintoma de miséria de uma sociedade pobre que se quer divertir "quand même". Os assaltos, em que se paga á entrada dez escudos, como em qualquer "Bal Jabarin", e em que se leva uma garrafa de vinho e meia dúzia de pasteis, sucedem-se num entusiasmo louco de uma sociedade sem dinheiro. Nesses assaltos, onde em geral entra quem quer, os donos da casa, se os há, são muitas vezes insultados por quem, sem educação e, tendo pago, se julga no direito de mostrar o completo desconhecimento dos manuais de civilidade, que tem, o que é infelizmente muito vulgar nesta época em que as boas maneiras não escasseando. Há ainda a "soirée", particular em acanhada casa de renda, em prédio de muitos inquilinos, que passam a noite vociferando e sofrendo martírios, com a alegria dos foliões. Essas festinhas de um rematado pirismo, começam por originar na família animada, que se quer divertir, um verdadeiro incômodo. As camas desarmadas, os colchões enrolados e muitas vezes guardados nas varandas, num perigo, se cai uma chuvada, de ficarem encharcados, causam um reboliço enorme. As portas são tiradas, porque, apesar de despejadas de mobília, as acanhadas divisões não dão espaço para dançar. Há móveis que se não podem tirar e não é raro ver um par, encasacado ele, e ela com um bonito vestido, dançarem deante de guarda vestidos, que se lhes enviam a imagem das suas elegantíssimas figuras, lhes lembram a pelintra da festa a que assistem. E em geral substitui-se a elegância, que em bailes é costume haver, por uma coisa terrível, a que se chama animação. Nessa animação cabem todos os ruídos desabridos, que a pouca educação da juventude portuguesa pode inventar. Bater com os pés no chão, dar gritos agudos, um comportamento que não difere no seio das famílias, daquele que se pode ter num baile de máscaras público. É verdade que esse auge de divertimento é em geral depois da ceia, em que osinhos são os verdadeiros assaltados, sendo até freqüente haver vestígios na escada, na manhã seguinte da animação dos convidados. Esta vida da sociedade lisboeta, é um triste sintoma do que é aqui a vida. Sem o comedimento antigo da velha Lisboa, onde as famílias nobres davam nos seus salões lindas festas, onde as maneiras e a distinção eram

nem maneiras. É triste, mas é assim. E não há como nos países civilizados leis que defendam as pessoas sensatas dos vizinhos divertidos e incômodos

Maria de Eça.

Modas

A moda oferece-nos uma variante, que encanta e nessa variante podemos incluir, os vestidos de duas côres em setim. Apresentamos hoje às nossas leitoras, um lindo vestido em setim preto e setim rosa. É um vestido de noite, que tem a comodidade, de poder também ser usado de dia. É interessante notar como a moda acaba sempre por cair no exagero. Depois dos vestidos exageradamente decotados, os vestidos agora, mesmo os de noite têm um decote pequeno e mangas quasi até ao cotovelo e quando as não têm como o modelo que hoje damos, têm uma guarnição, uma espécie de romeira que tapa a

parte superior do braço e um pouco do hombro. Para de dia a moda está cada vez mais interessante e para a época da meia estação, que em breve nos visitará, começam já as costureiras da metrópole da moda, a lançar as suas novidades. E já hoje as nossas leitoras poderão ver nesse modelo de um modernismo delicioso, o que ela vai ser. É um vestido inteiro em diagonal preto e branco, cuja guarnição é feita pelos cortes, que na fazenda se dão. É de uma grande elegancia e o casaquinho curto de um corte modernissimo que o acompanha, dá-lhe uma graça muito especial e torna-o mais confortável nos dias frescos, que a primavera sempre traz. Parece prematuro falar nela, mas quem não se prepara para essa época vê-la na chegada, sem ter os seus vestidos em ordem. É nada mais desagradável para a mulher elegante, que gosta de lançar a moda, do que não estar pronta a sua «toilette» na altura em que deve aparecer.

Chapéus

O chapéu mais em favor, é sempre o chapéu pequeno: Esse chapéu que fica bem, que aconchega e que torna mais belo um fresco rosto de mulher. Damos hoje um graciosissimo modelo feito em setim preto. Da maior simplicidade compõe-se apenas de uma pequena «calotte» e de uma guarnição da mesma seda, entrançada. Um pequeno veusinho compõe muito os cabelos, evitando que vão pelo ar com o vento. É para notar a lindíssima gola de raposa que acompanha o chapelinho e que, emoldurando-o, torna mais gentil a graciosa rapariga, que o usa. Calculamos, que este bonito modelo terá a aprovação das nossas leitoras que gostam sempre da elegancia simples, que é sem dúvida aquela que dá á mulher uma maior distinção.

O frio

ESTE ano tem sido muito frio, mas um dos mais rígidos invernos foi o de 1880. Na primeira quinzena de Fevereiro, o frio foi tão intenso que o Scaldia gelou. Um dos ricos negociantes de Anvers teve a ideia de aproveitar para organizar sobre o gelo, um baile maravilhoso. Fez construir sobre o rio um palácio de gelo, servindo-se de água fria como cimento do estranho material. O estrado branco que cobria o rio foi nivelado e sobre o chão unido e brilhante os pares munidos de patins dansaram oito horas seguidas. À noite apareceram mascaradas em trenós que levavam archotes e entraram no palácio de gelo, ao som de alegres marchas.

No dia seguinte houve no mesmo recinto um torneio em trajos da Idade Média que foi também deslumbrante.

Rendas

Não há trabalho que a mulher mais aprecie do que é o de fazer renda. É bem natural porque nada há que melhor enfeite a beleza fe-

minina do que uma bonita renda. A mulher enfeitada com rendas a sua roupa de baixo, aquela que mais em contacto com a sua natural beleza mais a enfeita e a roupa de casa, lençois, travesseiros e almofadas e a roupa da mesa, toalhas, guardanapos, «napperons», e na casa em que se sente a mão da mulher, a renda impera e é bem natural. Entre nós há muitas senhoras que se dedicam a fazer rendas de bilros, é a essas senhoras, que dedicamos o lindo modelo de renda que hoje damos, e que terá um bom acolhimento porque é sem dúvida uma linda guarnição, tanto para roupa de vestir como para roupa de casa, que enriquece com o valor das rendas verdadeiras, feitas à mão.

De mulher para mulher

Josefina: Claro que deve aproveitar o seu tempo e nunca desperdiçar um minuto. Estudando e lendo é uma das maneiras mais úteis de o aproveitar. Deixe dizer essas coisas Hoje em dia a mulher ignorante por muito bonita que seja, é ridícula e só pode atrair pessoas de uma mentalidade inferior.

Daisy: Tem razão, a sua amiga é que está em êrro. A National Gallery e a Portrait National Gallery, são dois museus no mesmo edifício, com entradas diferentes e absolutamente separados. É possível que ela só visse um deles e de aí venha a confusão. É um estudo muito interessante o da Arte, para uma senhora.

Butterfly: Para a noite um vestido branco é sempre bonito e fica bem a todas. Faça um casaco em veludo côr de ametista, como abafo e sapatos da mesma côr.

Vaidosa: Seja-o para si o mais que puder, mas de maneira nenhuma pinte de loiro a pequenina. É muito sério e pode até prejudicar-lhe a saúde. E depois nunca se deve incutir nas crianças êsse sentimento de vaidade, que lhes faz

perder a frescura de alma, que é o seu maior encanto.

Receitas de cosinha

Sopa de caranguejos:
Em dois litros de água cozem-se uma cebola, salsa uma casca de limão, três grãos de pimenta, uma colher de bom azeite, duas cabeças de alho e sal cozem-se os caranguejos limpam-se tiram-se-lhe as patas e deitam-se na água, acima mencionada. Os caranguejos tirados da casca refogam-se com um pouco da água em que foram cozidos. Depois passam-se por um passador. Noutra caçarola derrete-se manteiga de vaca, deitam-se duas colheres de farinha e um pouco de pimenta quando a farinha toma côr deita-se o puré dos caranguejos mistura-se tudo e deita-se em seguida na outra água em que cozeram as outras coisas juntando também o resto da água de cozer os caranguejos. Deixa-se ferver cinco minutos e tira-se do lume e serve-se. Há quem lhe junte ameijoas e mexilhão, o que torna a sopa mais gostosa mas talvez um pouco mais indigesta. Deve acompanhar-se a sopa com quadradinhos de pão torrado que quem gostar pode deitar no prato.

Higiene e beleza

É muito feio vêr-se através de meias finas meias de seda os pêlos negros nas pernas. E é uma coisa que se vê muita vez, porque a mulher portuguesa, que já começou a ter com a cara todos os cuidados ainda despreza e muito, os cuidados com o corpo, e, os pêlos superfluos são muito fáceis de tirar. Qualquer depilatório dá um bom resultado. Mas como alguns são bastante caros há senhoras, que por espírito de economia, não as compram, e, para evitar que se continuem, a vêr tão feias pernas, damos hoje a seguinte receita, que não fica cara. *Depilatório en pó:* Sulfuro de calcio 20 gramas, glicerolado de amido, 20 gramas, oxido de zinco, 2 gramas, essência 5 gótas. Amassa-se uma pequena porção com água e estende-se sobre os pêlos deixando estar uns minutos ainda que se sintam uma impressão caustica Lava-se depois com água morna e põe-se um pouco de pomada de oxido de zinco para tirar a irritação.

Ontem e hoje

QUALQUER viajante pode comer na mesma sala, dormir no mesmo quarto onde comeram e dormiram as últimas soberanas Habsburgo. O castelo de Wartholz, um dos mais antigos e dos mais belos, que possuía a co da de Austria e que conservava as melhores recordações históricas, foi transformado num «Palace Hotel». O castelo de Wartholz era propriedade da ex-imperatriz Zita. Foi ali que ela, passou



a sua lua de mel com o arquiduque Carlos herdeiro do trono das Habsburgo. A Imperatriz Zita, que tinha sido feliz naquêlo castelo com o seu marido, onde nasceu o seu primeiro filho, fez o possível durante dez anos para o conservar, como no tempo da sua felicidade, mas o elevado custeio da sua manutenção, os impostos, e urgentes necessidades de dinheiro, obrigaram-na a ceder êste local maravilhoso a um grupo de hoteleiros, os quais se empenham em manter o mais possível o antigo aspecto daquêlo Castelo Imperial situado num dos mais belos pontos da Austria.

Uma descoberta

SEGUNDO o professor Julio Bauer, fisiologo de Viena de Austria, muitas senhoras que têm as pernas grossas, em vez de gordura têm nas suas preciosas extremidades, simplesmente água. Verdadeiramente não se trata de água corrente, como a das torneiras, mas de gótas de água, que ficam retidas entre os tecidos numa suspensão peculiar como se fôsem absorvidas por uma esponja química. Para saber se uma pessoa tem abundância de gordura ou simplesmente água, nas extremidades inferiores, o professor Bauer descobriu um metodo simples. Algumas gótas de solução salina são injectadas sob a pele da pessoa, produz-se imediatamente uma altura como um sinal vulgar. Se desaparece em poucos minutos é um sinal evidente da tendência dos tecidos para absorver a água, e a gordura não é real. Ao contrário se o sinal se mantem por uma hora ou mais, a paciente fica sabendo que possui verdadeira gordura. A determinação da verdadeira causa, que origina o engrossamento das pernas tem uma grande importância, porque assim pode fazer-se o tratamento exacto para reduzir a água ou a gordura.



VIDA ELEGANTE

Recita de homenagem

Na próxima segunda-feira 20 do corrente, realiza-se no Teatro da Trindade, a recita anual dedicada pela empresa José Loureiro, aos cronistas mundanos e nossos colegas Carlos da Mota Marques e Carlos Vasconcelos e Sá, redactor desta secção, com a apresentação da finíssima peça «A língua das mulheres» adaptação do nosso presado camarada Alvaro de Andrade, que tanto êxito tem obtido, e na qual tem um soberbo trabalho a nável actriz Maria Helena, filha da grande artista D. Maria Matos.

Pelas gerais simpatias de que gosam os festejados é de prever que a noite de segunda-feira o Trindade, seja pequeno para conter todos os amigos e admiradores dos dois cronistas mundanos.

Festas de caridade

NO PALÁCIO PALMELA

Organizados por uma comissão de antigos frequentadores dos bailes da Liga Naval, realisam-se nas noites de sábado magro, sábado e segunda-feira gorda, nos magníficos salões do Palácio Palmela, ao Calhariz, três grandiosos bailes de caridade, que serão abrilhantados por uma exímia orquestra «Jazz-band».

Haverá também na tarde de domingo gordo, nos mesmos salões uma interessante «matinée infantil» em que serão disputados artísticos prémios pelas crianças que melhor mascaradas se apresentarem.

As festas do Palácio Palmela, durante o carnaval de 1933, vão decerto marcar pela elegância e animação.

NA CURIA

Os salões do Palácio Hotel da Curia, vão nas noites de domingo magro, domingo gordo e terça-feira de Carnaval, onde se realisam três grandiosos bailes de caridade, por iniciativa de uma comissão de senhoras da nossa sociedade elegante da região, e levados a efeito pelo importante industrial hoteleiro sr. Alexandre de Almeida, viver alguns momentos de inefável praser espiritual.

O produto das três festas de caridade, reverterá a favor do Asilo de Infância Desválida e Ninho dos pequeninos de Coimbra, e Misericórdia da Anadia e Mealhada.

COLÉGIO INFANTE DE SAGRES

Como era de prever revestiu extraordinário brilhantismo a elegante festa de caridade, realisada no salão de festas do Colégio Infante de Sagres, instalado na Quinta das Palmeiras, às Larangeiras, cujo produto se destinava a favor da Escola e Cantina, sustentadas pela Ordem Infante de Sagres, que constou da representação da comédia «A Mulher Ideal», por alunos do mesmo Colégio, representação que deixou uma grata recordação pela forma como decorreu, seguindo-se baile, que foi abrilhantado por uma exímia orquestra «jazz-band».

Na assistência viam-se além das fa-

mílias dos alunos grande número de convidados.

NO AVENIDA PALACE

A favor de várias obras de beneficência, realizou-se na noite de sábado 11 do corrente, nos salões do Avenida Palace, um baile de subscrição, organizado por uma comissão de senhoras da nossa melhor sociedade, o qual decorreu sempre no meio da maior animação e alegria.

Durante o decorrer do mesmo foram recebidos vários grupos de máscaras que com fino espírito foram intrigando as pessoas presentes.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos tanto financeiro, como mundano.

Casamentos

Com muita intmidade realizou-se na paróquia do Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da sr.^a D. Maria Amélia de Lancastre de Freitas, gentil filha da sr.^a D. Amélia Afonso de Lancastre de Freitas e do sr. José Marques de Freitas, com o sr. José Alegre da Silva Lopes, filho da sr.^a D. Palmira Gomes da Silva Lopes e do sr. José Alegre da Silva Lopes.

Foram madrinhas a mãe e tia da noiva sr.^a Condessa da Louzã (D. Ema) e padrinhos o pai e tio do noivo sr. José Maria Alvares.

Celebrou acto religioso o prior de Bemfica, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência do avô da noiva sr. António Marques de Freitas, à rua Castilho, um finíssimo lanche seguindo os noivos depois para o Palace do Bussaco; onde foram passar a lua de mel.

Na assistência recorda-nos ter visto entre outras as seguintes sr.^{as}:

Condessa de Sant'Iago, condessa de Castelo Mendo, condessa de São Paio (D. Maria), viscondessa de Santarém e filha, D. Beatriz de Lan-



Casamento da sr.^a D. Marieta Amália Santos Branco, com o sr. José Miranda Justo, realizado na residência dos pais da noiva

castre, D. Emília da Piedade da Silva Gomes, D. Palmira Gomes da Silva Lopes, D. Maria Emília e D. Maria Margarida de Castelbranco, D. Beatriz Benjamin Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, D. Maria de Almeida de Carvalho Daun e Lorena Bruges de Oliveira, D. Ana Reynolds de Sousa de Lancastre, D. Maria Amélia Moraes de los Rios da Silva Leitão, D. Maria de Lancastre Cardoso Pinto, D. Zina P. da Ponte e Sousa, D. Eugénia da Silva Carvalho, D. Emília Gomes Neto Afonso de Pereira Coutinho, D. Maria da Soledade de Carvalho Bruges de Oliveira, D. Judite Benjamim Pinto, D. Maria Carlota de Sousa e Faro de Lancastre, D. Fernanda de Lancastre (Lousã), D. Guilhermina Adelaide e D. Alice Maria Alvarez, D. Maria Helena, D. Maria Isabel e D. Felipa de Lancastre (Lousã), D. Elisa Neto Afonso, e os srs.:

Conde de Sant'Iago, conde de S. Paio (D. António), visconde de Santarém, visconde do Torrão, D. José Maria da Silva Pessanha, José Maria Alvarez, José Alegre da Silva Lopes, D. António da Silveira Bual, dr. Victor Emílio, D. João de Lancastre (Lousã), Octávio da Silva Leitão, Alberto de Miranda Pombo, Manuel e João de Ornelas Bruges de Oliveira, Fernando da Ponte e Sousa, Silva Carvalho, Gastão Benjamim Pinto, D. António Maria e João de Lancastre (Lousã), João Castelo, Gonçalo Pereira Coutinho, José Manuel Reynolds de Sousa Teixeira José de Lancastre Ferrão (Arrochela), Carlos de Vasconcelos e Sá, etc.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Marieta Amália Santos Branco, com o sr. José Miranda Justo, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Beatriz Amália Santos Branco, e D. Izabel Nôro, e de padrinhos os srs. Carlos Gonçalves Branco e Eurico Garcia Ferreira da Silva.

D. Nuno.



A sr.^a D. Marieta Amália Lancastre de Freitas e o sr. José Alegre da Silva Lopes, por ocasião do seu casamento realizado na paróquia do Coração de Jesus, a Santa Marta. Os noivos saindo da igreja

BRIDGE

Espadas — Az, 8.
Copas. — Az, Dama, 10, 7, 6.
Ouros. — Dama, 6.
Paus. — Dama, 7, 4, 2.

Espadas. — 7, 5, 4, 3, 2. **A** Espadas. — Dama, Vale, 10.
Copas. — Valete, 3, 2. **C** **D** Copas. — 9, 8.
Ouros. — 9, 7, 4. **D** Ouros. — Rei, Valeta, 8, 2.
Paus. — Rei, 10. **B** Paus. — Valete, 8, 5, 3.
Espadas. — Rei, 9, 6.
Copas. — Rei, 5, 4.
Ouros. — Az, 10, 5, 3.
Paus. — Az, 9, 6.

Marcha do jogo: B: Uma de copas, D: Passa, A: Uma sem trunfo, C: Passa.
B: Três sem trunfo. Todos passam.

- 1.^a Vasa: Espada 3, Az, 10, 6.
- 2.^a » Paus 2, 3, Az, 10.
- 3.^a » Paus 6, Rei, 4, 5.
- 4.^a » Espadas 2, 8, Vale, 2.

Como joga A daí por diante? Quantas vasa pode fazer?

DE GRANDE UTILIDADE



SENHORA DA COMISSÃO DE BENEFICÊNCIA: — Vinha pedir a V. Ex.^a se nos dava alguma roupa usada para os nossos pobres, ou qualquer outra coisa de utilidade para eles, de que V. Ex.^a já não faça uso.

MILIOSÁRIA DE RECENTE DATA: — Sinto não lhe poder dar roupa, porque costume dá-la as miúdas e cada; mas meu marido é que, decerto, não terá dúvida em lhe ceder dois ou três dos nossos ou'omovéis usados. — (Do «Punch»).

PORQUE SE CHAMA ATLAS A UMA COLEÇÃO DE MAPAS

Nos meados do século XVI, Mercator publicou uma coleção de mapas. No frontespício vinha a figura de Atlas sustentando o mundo nos ombros. Foi por causa dessa figura que a coleção de mapas de Mercator e todas as coleções publicadas daí em diante, se tornaram conhecidas pelo nome de Atlas.

Na Mitologia grega Atlas era, como se sabe, o gigante condenado a segurar aos ombros o céu e a terra, em castigo da sua revolta contra Jupiter, a divindade suprema.



PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I											
II											
III											
IV											
V											
VI											
VII											
VIII											
IX											
X											

Horizontais:

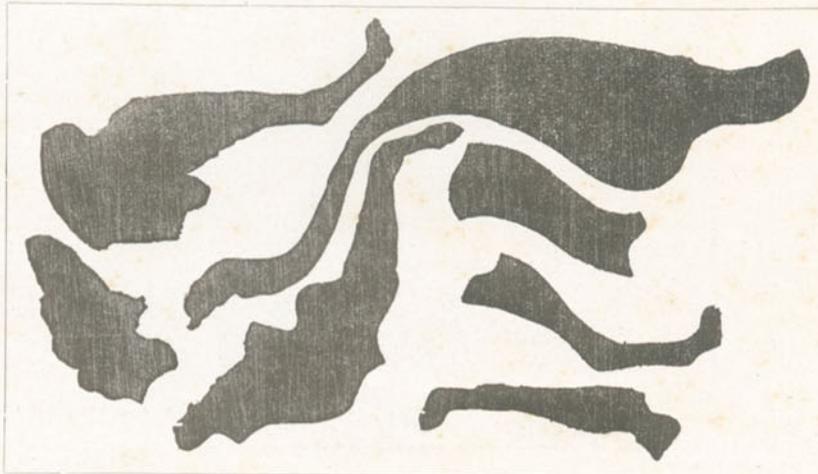
I — Apelido. II — Nome feminino — Astro. III — Carro francês para transporte de animais vivos — Íntimo. IV — Ao acaso — Número. V — Medida — Oferece. VI — Um dos sete pecados capitais — Vila de Marrocos. VII — Trameci — Curso de água. VIII — Que mata. IX — Um tecido de luxo — Evita uma repetição. X — De continente transoceânico.

Verticais:

1 — Um hino. 2 — Artigo espanhol — Preposição. 3 — Emulação. 4 — Mulher da Bíblia — Dar um tom em várias cores. 5 — Á porta da quinta. 6 — Toque de corneta — Batráquio. 7 — Belesa masculina. 8 — Capacete — Preposição e artigo. 9 — Nome dum rei. 10 — Frio e húmido — Inicial e final do nome de um sacerdote italiano (1515-1585). 11 — Empregada na defesa dos mares.

QUE BICHO SERÁ?

(Passatempo)



Recortar estes sete *borrões*, colocá-los em cartão e formar com eles o desenho de um animal doméstico muito conhecido.

ANEDOTAS

Amélia: — Então, sempre é verdade ela estar apaixonada pelo Alfredo?

Julietta: — Não; de nenhum modo!

Amélia: — É extraordinário que não tenhas ouvido dizer isso!...

Julietta: — Não ouvi; o que ouvi, foi que ela estava para casar com ele!...

...

— Tive de andar, toda a noite, a passear pela casa, com o pequeno ao colo. É possível imaginar-se alguma coisa peor do que esta?

— É; podias ter casado na Groenlandia, onde as noites duram seis meses.

...

— Lembras-te, Henrique, de uma noite de luar, ha vinte anos, em que estivemos sentados, neste mesmo banco, á borda deste lago? Eu tinha a minha cabeça encostada ao teu peito, e durante mais de uma hora não disse uma palavra!...

— Lembro-me; mas tal cousa nunca mais tornou a acontecer.

...

Numa Escola de Nataçào:

Entra um sujeito, e, na bilheteira, dão-lhe uma senha de zinco, com um número recomendo-lhe muito que o pregue nos calções.

— Para que serve este número?

O empregado tranqüilamente:

— É para reconhecer os afogados!

...

— Falava-se de um teatro cuja prosperidade é atestada pela grande receita que tem tido últimamente.

— Pois sim, dizia um velho amator, abanando a cabeça; mas verão que tudo isso acabará por ninguém lá ir.

— E porquê?

— Porque nunca lá se encontra logar.

...

O Silvério está contando a um amigo os aborrecimentos que teve na sua última viagem ao Porto.

— Imagine, meu caro, que, no wagon me sentei ao pé de uma das portas; mas que a vidraça não podia subir nem descer! Fui todo o caminho com o vento a dar-me na cara.

— Devia ter trocado o lugar.

— Com quem? se não ia mais ninguém no compartimento!...

XADREZ

(Solução)

- 1.—B 5 B D
 - 2.—B 7 R
 - 3.—D 4 B D
 - 4.—D 4 C R +
 - 5.—R 3 R
 - 6.—D 4 R + +
- As pretas não podem escolher os lances.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' venda a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
— Julio Dantas.

I vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère

para a

Conversão de quilates em milésimos

por

MARCEL BOURDAIS

Tradução de

CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocípedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata

I volume de 300 páginas, brochado . . . **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 2.^a edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado 12\$00
Encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 2.^a EDIÇÃO DO

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 262 páginas, brochado 10\$00
Encadernado 14\$00

Pedidos aos editores **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas { brochado 10\$00
encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



Aguiar

TELEFONE
2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

O genial romance da guerra

Os Grilhetas do Kaiser

por THEODORE PLIVIER

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. **A batalha da Jutlandia** e os seus horrores, visto por um marujo russo

1 vol. broc. com 260 págs. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

História Universal

do grande historiador alemão

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consigliari Pedroso* e seguidamente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em língua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres, representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc. Impressa em esplêndido papel, *hors-textes* em papel *couché*, in-4.^o — Encadernação própria e cêrca de 1.000 páginas por cada volume

Já publicados

110 tomos — 19 volumes

Aceitam-se assinaturas desde o início, facultando-se, a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

A terminar brevemente a publicação.

Cada volume, encadernado	65\$00
Cada tomo, brochado	8\$00
Encadernação por cada volume	25\$00
Capas para a encadernação	15\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.^a EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, câmaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas,
encadernado em percalina
Escudos 25\$00

Pedidos aos Editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

CIMENTO ARMADO

2.^a edição

Propriedades gerais. Materiais usados: o metal, o betom. Resistência dos materiais. Cálculo do cimento armado. Pilares, vigas e lages. Aplicações: Alicerces, pilares, paredes e tabiques. Muros de suporte. Sobrados, lages e vigas. Coberturas e terraços. Escadas. Encanamentos. Reservatórios e silos. Chaminés. Postes. Abóbadas e arcos. Casas moldadas. Outras aplicações. Fórmulas e moldes. Assentamento das armaduras. Execução do betom. Betoneiras e outras máquinas. Organização dos trabalhos de betom armado. Regulamentos, etc., por *João Emilio dos Santos Segurado*.

1 volume de 632 pág., com 351 grav.,
encadernado em percalina..... **25\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

COLECCÃO FAMILIAR

VOLUME
BROCHADO
Esc. 7\$00

P. B.

VOLUME
ENCADERNADO
Esc. 12\$00

Romances morais proprios para senhoras e meninas

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico suggestivo interesse, offerecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da vida. Em volta dum testamento. Pequena rainha. Dívida de honra. Casa de Família. Entre espinhos e Flôres. A estátua velada. O grito da consciência. Romance de uma herdeira. Pedras vivas. A pupila do Coronel. O segredo de um berço.

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em tôdas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS À S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

LIVROS

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

PARA AS

ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar, 1 vol. enc.	13\$00
Aritmética Prática, 1 vol. enc.	13\$00
Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc. .	12\$00
Elementos de Química, 1 vol. enc. . . .	14\$00
Elementos de Mecânica, 1 vol. enc. . . .	12\$00
Elementos de História de Arte, 1 vol. enc.	25\$00
Física Elementar, 1 vol. enc.	14\$00
Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc.	14\$00
O livro de Português, 1 vol. enc.	12\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Antologia Portuguesa

Verdadeiro tesouro da língua portuguesa, esta colecção destina-se a tornar facilmente conhecidos os melhores prosadores e poetas portugueses, antigos, modernos e contemporâneos

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo

Dr. Agostinho de Campos

Volumes já publicados:

Afonso Lopes Vieira (1 vol)
Alexandre Herculano (1 vol)
Antero de Figueiredo (1 vol)
Augusto Gil (1 vol)
Camões lírico (4 vols.)
Eça de Queirós (2 vols.)
Fernão Lopes (3 vols.)
Frei Luís de Sousa (1 vol)
Guerra Junqueiro (1 vol)
João de Barros (1 vol)
Lucena (2 vols.)
Manuel Bernardes (2 vols)
Paladinos da linguagem (3 vols.)
Trancoso (1 vol)

Estes volumes são do formato de 12×19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado. 12\$00

Cada volume encadernado. 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
R. Garrett, 73, 75—LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

„ „ „ „ carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



“Todos precisamos de tomar Ovomaltine”

A perturbação e ansiedade destes tempos de depressão produz um péssimo efeito sobre a saúde, sendo por isso nesta ocasião que mais devemos pensar em a defender contra todos os perigos. Quando o cérebro, os nervos e o corpo estão em perfeitas condições é muito mais fácil enfrentar as perturbações e as dificuldades com alegria e confiança.

A saúde depende quasi inteiramente duma alimentação correcta e adequada. Os alimentos vulgares, carecem de qualidades nutritivas; eles devem ser acompanhados por um alimento rico em elementos nutritivos.

Para esse fim nada há como a OVOMALTINE; Ela é a conhecida bebida alimenticia que possui correctamente combinados os alimentos nutritivos em grande quantidade. É um alimento original feito de extracto de malte, leite e ovos frescos, das melhores produções suissas.

Velhos e novos, necessitam desta deliciosa bebida para assegurar uma aptidão mental e física perfeitas e uma boa saúde.

OVOMALTINE

é a saúde

DR. A. WANDER, S. A. — BERNE

A venda em latas de 110, 250 e 500 gr., respectivamente aos preços de 8\$50, 16\$00 e 30\$00

Un'cos concessionarios para Portugal
ALVES & C.^a (IRMAOS)
Rua dos Correios, 41, 2.^o — LISBOA

